



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO

LAVINA PEREIRA DA SILVA

**LUTAS E RESISTÊNCIAS DE MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU: UM OLHAR A PARTIR DAS PRÁTICAS DOS COMUNS NO  
TERRITÓRIO DOS BABAÇUAIS DO POVOADO PIAÇAVA MUNICÍPIO DE  
NAZARÉ/TO**

ARAGUAÍNA

2024

LAVINA PEREIRA DA SILVA

**LUTAS E RESISTÊNCIAS DE MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU: UM OLHAR A PARTIR DAS PRÁTICAS DOS COMUNS NO  
TERRITÓRIO DOS BABAÇUAIS DO POVOADO PIAÇAVA MUNICÍPIO DE  
NAZARÉ/TO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) – Mestrado Acadêmico da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína – TO, como requisito para obtenção de Título de Mestre em Estudos de Cultura e Território.

Linha de pesquisa: Paisagens, Narrativas e Linguagens.

Orientadora Professora Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida.

ARAGUAÍNA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT  
**Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

P436l Pereira da Silva, Lavina.

Lutas e resistências de mulheres quebradeiras de coco babaçu: um olhar a partir das práticas dos comuns no território dos babaçuais do povoado Piaçava município de Nazaré/TO / Lavina Pereira da Silva. - Centro de Educação, Humanidades e Saúde - CEHS, TO, 2024.

104 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) (Graduação - em Ciências Sociais) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2024.

Orientadora: Rejane Cleide Medeiros de Almeida.

1. Mulheres quebradeiras de coco babaçu.. 2. Modos de vida. . 3. Território dos babaçuais. Comuns..

**CDD 300**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

LAVINA PEREIRA DA SILVA

**LUTAS E RESISTÊNCIAS DE MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO  
BABAÇU: UM OLHAR A PARTIR DAS PRÁTICAS DOS COMUNS NO  
TERRITÓRIO DOS BABAÇUAIS DO POVOADO PIAÇAVA MUNICÍPIO DE  
NAZARÉ/TO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) – Mestrado Acadêmico da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína – TO, como requisito para obtenção de Título de Mestre em Estudos de Cultura e Território.

Data de aprovação: 03/04/2024.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida  
Orientadora (UFNT)

---

Prof. Dr. Idemar Vizolli  
Examinador Externo (UFT)

---

Profa. Dra. Olivia Medeiros Cormineiro  
Examinadora Interna (UFNT)

Dedico este trabalho à minha mãe Ana Castro e ao meu filho Luis Fernando que são as maiores razões do meu viver. À minha orientadora Professora Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida e às Mulheres quebradeiras de coco babaçu interlocutoras desta pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Às quebradeiras de coco babaçu do povoado Piaçava, interlocutoras desta pesquisa, sem elas seria impossível realizar este trabalho. Obrigada a todas pelo companheirismo, dedicação e satisfação em compartilhar e contribuir para a realização da pesquisa resultando nesta dissertação. Suas memórias, histórias e acolhimento foram de uma importância indescritível para a realização deste trabalho.

À minha mãe Ana que desde o meu nascimento trabalhou e lutou duramente para proporcionar-me condições para chegar até aqui. Ela que me ensinou muito na vida, além da educação não escolar que ensinou a cultivar a coleta e a quebração do coco babaçu administrando sempre o tempo e organização dos inúmeros afazeres para que o tempo escola e as atividades relacionadas a esta jamais deixassem de ser feitas a tempo.

Ao meu filho Luis Fernando que é a maior razão do meu caminhar. Sua existência me inspirou para que eu pudesse concluir com êxito todas as etapas desta prazerosa e árdua caminhada.

À minha tia mãe Filomena Castro, ela que me ajudou a dar os primeiros passos quando criança e que me ajudou a caminhar para a conclusão deste curso.

À Carina Torres que me fez enxergar que o Mestrado Acadêmico em Estudos de Cultura e Território – PPGCULT é de fato o programa perfeito para a pesquisa em que eu pretendia realizar.

Às minhas primas, Leide Castro que através de mensagens e chamadas via Whatsapp e outras redes me incentivou com suas sábias palavras antes e durante todo o processo, Márcia Castro, que é mais que prima, é também irmã, companheira na coleta e quebração do coco babaçu e ainda no processo educacional em várias etapas do Ensino Fundamental.

À Marciana Castro, a prima amiga, a qual nasceu anos depois de mim, eu a carreguei nos braços quando criança e durante a trajetória do mestrado ela retribuiu porque todas as vezes que eu quis fraquejar ela me apanhou em seus braços e levou me adiante, obrigada amada minha, à Luciana Castro, a prima filha, que tanto ajudei a cuidar e que tanto me cuidou nos momentos de agonia. Obrigada Lu pelo poder de me acalmar e me fazer levantar todas as vezes que eu fraquejei, o teu amor me ajudou a vencer. Os meus mais sinceros agradecimentos à todas as

minhas primas e todos os meus primos que torceram pelo meu alcançar com êxito essa etapa.

Em nome da amada sobrinha Ana Beatriz, agradeço às minhas sobrinhas e aos meus sobrinhos filhas e filhos de primas e primos.

Aos meus alunos e alunas em especial aqueles e aquelas que cursaram comigo a disciplina de sociologia no Ensino Médio, com os/as quais eu tanto aprendi.

Os meus sinceros agradecimentos à todas as minhas professoras e aos meus professores, Mauro da dona Benvinda, meu primeiro professor que mesmo sem saber era lindamente Freiriano (quando recebia ordens para me castigar ele me acolhia como nem um professor fazia nesta região naquela época, (década de 1980), obrigada professor Mauro, eu devo muito a você.

À minha extraordinária professora Edvan pela sua dedicação, competência admirável e pelo seu amor, muito obrigada por ter me ensinado e ler e a escrever as primeiras letras e as primeiras palavras. Eu simplesmente amo ter tido você como professora no meu processo de alfabetização, depois como minha colega de curso de formação do magistério e em seguida uma das mais queridas colegas de profissão. o seu legado é único e o meu amor e gratidão por você será eterno.

Aos meus professores e professoras do curso de graduação em Ciências Sociais em especial a professora Lidiane Cunha que durante a disciplina de Sociologia I me trouxe luz para enxergar que muitos obstáculos viriam, mas que seria possível vencê-los. À minha querida professora amiga Rejane Medeiros que no decorrer das disciplinas de Movimentos Sociais e de Geografia da Amazonia foi capaz de me fazer entender que lutar é necessário para a própria existência e das demais pessoas que por vários motivos não tem nem tiveram oportunidades de ocupar os espaços que ocupamos, portanto é preciso (re)existir sempre. Grata por tudo que me ensinastes na graduação e eternamente agradecida por tê-la como minha orientadora, obrigada por tudo.

Meus agradecimentos à todas as pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para esse momento tão importante.

Aos professores, às professoras da Universidade Federal do Tocantins que ministraram o curso de Especialização em Sociedade, Trabalho Docente e Gestão democrática, e aos companheiros e companheiras do curso.

Obrigada a todos, todas e todes colegas da graduação em Ciências sociais.

Meus agradecimentos à todas as pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para esse momento tão importante.

## RESUMO

Esta pesquisa, está vinculada à linha de pesquisa *Paisagens, Narrativas e Linguagens* do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e tem como objetivo geral, compreender as produções de saberes das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado Piaçava município de Nazaré/TO, nas décadas de 1960 a 1990, a partir das suas memórias e narrativas buscamos compreender as produções de saberes das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado Piaçava, município de Nazaré/TO, por ocasião da realização de práticas dos comuns ou adjunto. entender como essas mulheres quebradeiras de coco desenvolveram seus modos de vida durante as décadas em que tiveram acesso livre ao território dos babaçuais e como ocorrem as mudanças geradas pelas ações de fazendeiros. A metodologia utilizada tem como base a História oral, a partir da qual realizamos entrevistas semiestruturadas com oito mulheres quebradeiras de coco na faixa etária de 60 a 87 anos. O critério estabelecido consiste no fato de que essas mulheres vivem no território e experienciaram (ou ainda experienciam) as diversas fases e modos de cultivar o extrativismo do coco babaçu. Para analisar as narrativas e as memórias das interlocutoras, recorri a aportes teóricos de autores e autoras que discutem território, modos de vida e resistência: Rogerio Haesbaert (2006a, 2006b); Pollak (1992, 1989); Olivia Medeiros Cormineiro (2010), e Juscelino Laurindo (2021). As análises das entrevistas permitiram-me compreender como se deu a prática dos comuns com as mulheres quebradeiras de coco babaçu no território dos babaçuais, e qual a relevância do extrativismo desse fruto à comunidade do povoado Piaçava no que se refere às questões socioculturais, políticas e econômicas.

**Palavras-chave:** Mulheres quebradeiras de coco babaçu. Modos de vida. Território dos babaçuais. Comuns

## ABSTRACT

This research is linked to the line of research Landscapes, Narratives and Languages of the *Stricto Sensu* Postgraduate Program in Culture and Territory Studies (PPGCult) at the Federal University of Northern Tocantins (UFNT) and its general objective is to understand the productions knowledge of women who break babassu coconuts from the town of Piaçava, municipality of Nazaré/TO, from the 1960s to 1990s, based on their memories and narratives, we seek to understand the production of knowledge of women who break babassu coconuts from the town of Piaçava, town of Nazaré/ TO, on the occasion of carrying out common practices or adjunct. understand how these coconut breaking women developed their ways of life during the decades in which they had free access to the babassu plantation territory and how the changes generated by the actions of farmers occur. The methodology used is based on oral history, from which we carried out semi-structured interviews with eight women coconut breakers aged between 60 and 87 years. The established criterion consists of the fact that these women live in the territory and have experienced (or still experience) the different phases and ways of worshipping babassu coconut extraction. To analyze the narratives and memories of the interlocutors, I used theoretical contributions from authors who discuss territory, ways of life and resistance: Rogerio Haesbaert (2006a, 2006b); Pollak (1992, 1989); Olivia Medeiros Cormineiro (2010), and Juscelino Laurindo (2021). The analysis of the interviews allowed me to understand how the common practice occurred with women breaking babassu coconuts in the babaçu territory, and what is the relevance of the extraction of this fruit to the community of the Piaçava village in terms of sociocultural, political and economic.

**Keywords:** Babassu coconut breaking women. Lifestyle. Territory of babassu. Common.

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Ana Pereira de Castro.....   | 22 |
| Figura 2 - Maria Luiza da Silva Santos.....   | 23 |
| Figura 3 - Maria do Socorro Sousa Silva.....  | 24 |
| Figura 4 - Maria de Jesus de Sousa (Dona Nega) /in memoriam.....                      | 25 |
| Figura 5 - Maria Raimunda Conceição Pinto (Maria Futuro) .....                        | 26 |
| Figura 6 - Maria Alves de Araújo .....  | 27 |
| Figura 7 - Margarida Bispo de Carvalho.....   | 28 |
| Figura 8 - Rita Rodrigues de Sousa (Rita Barbosa) .....                               | 29 |
| Figura 9 - Mapeamento Social da Região Ecológica do Babaçu.....                       | 36 |
| Figura 10 - Rodovia que corta o território .....                                      | 38 |
| Figura 11 - Imagem de satélite do Povoado Piaçava .....                               | 40 |
| Figura 12 - Mapa do Município de Nazaré/ Povoado Piaçava.....                         | 42 |
| Figura 13 - Palmeiras de coco Piaçava .....   | 43 |
| Figura 14 - Território dos babaçuais do povoado Piaçava .....                         | 45 |
| Figura 15 - Território pecuário .....   | 48 |
| Figura 16 - Casa coberta com palhas das palmeiras do babaçu.....                      | 49 |
| Figura 17 - Território dos babaçuais transformado em pastagem .....                   | 55 |
| Figura 18 - Quintal da casa da quebradeira Rita.....                                  | 60 |
| Figura 19 - Tamborete.....  | 65 |
| Figura 20 - Território de mata virgem .....   | 70 |
| Figura 21 - Coco sendo quebrado.....  | 71 |
| Figura 22 - Mulher quebrando coco .....   | 72 |
| Figura 23 - Imagem satélite: Povoado Piaçava, trajeto e território dos babaçuais .... | 73 |
| Figura 24 - Quebradeiras de coco chegando no território dos babaçuais .....           | 74 |
| Figura 25 - Adjunto de quebração de coco babaçu.....                                  | 78 |
| Figura 26 - Monte de coco.....  | 81 |
| Figura 27 - Tabuada.....  | 83 |
| Figura 28 - ABC.....  | 84 |
| Figura 29 - Arroz com feijão misturado.....   | 86 |
| Figura 30 - Monte de coco feito através do carregamento em animais de carga .....     | 92 |
| Figura 31 - Território com poucas palmeiras devido a derrubadas .....                 | 95 |

## LISTAS DE SIGLAS

|         |  |
|---------|--|
| Asmubip | Associação das mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio |
| APP     | Área de Preservação Permanente                                   |
| CNS     | Conselho Nacional de Seringueiros                                |
| MIQCB   | Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu          |
| Seduc   | Secretaria de Educação e Cultura                                 |
| PPGCULT | Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território     |
| UBS     | Unidade Básica de Saúde  |
| UFNT    | Universidade Federal do Norte do estado do Tocantins             |

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>13</b>  |
| <b>1.1 As interlocutoras .....</b>   | <b>21</b>  |
| <b>1.2 Os Caminhos trilhados no decorrer da pesquisa.....</b>  | <b>30</b>  |
| <b>2.1 O povoado Piaçava .....</b>   | <b>53</b>  |
| <b>2.2 Quebradeiras de coco e produção de saberes culturais .....</b>  | <b>54</b>  |
| <b>2.3 Histórias de vida e produção de territorialidades .....</b>   | <b>68</b>  |
| <b>3 OS MODOS DE VIVER E USO COMUM DO TERRITÓRIO DOS BABAÇUAIS DE 1950 – 1990 .....</b>  | <b>75</b>  |
| <b>3.1. Lutando pela região ecológica dos Babaçuais na dinâmica do processo de desenvolvimento na década de 1990.....</b>              | <b>76</b>  |
| <b>3.2 As práticas do comum e do adjunto enquanto formas de luta e resistência das mulheres quebradeiras de babaçu de piaçava.....</b> | <b>78</b>  |
| <b>4 OS AVANÇOS NA DEVASTAÇÃO DOS BABAÇUAIS NA DÉCADA DE 1990</b>  | <b>95</b>  |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>99</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>102</b> |

## 1 A CAMINHO DO BABAÇUAL

Para introduzir este trabalho, inicialmente será abordado o itinerário e as construções históricas da pesquisadora em conformidade com o tema investigado.

De acordo com relatos feitos pela minha mãe, eu nasci em uma propriedade rural localizada a cerca de 5km do povoado Piaçava no município de Nazaré, no Estado de Goiás, no dia 11 de junho de 1977. Conta minha mãe que o jovem rapaz por nome Ibanês, que era amigo da família estava na sua casa na noite em que ela sentiu as “dores de parir”.

Assim ele montou em um cavalo e se deslocou até o povoado Piaçava em busca da parteira, a senhora Claudina, mãe Coló como era chamada pelas crianças, jovens, adolescentes e até mesmo adultas em que ela havia auxiliado no momento do nascimento. Isso porque era ela que realizava o parto de quase todas as mulheres naquela época e assim se tornava a mãe de pegação das crianças. Ao chegar na casa da minha mãe com a parteira o rapaz se dirigiu até o povoado Brejinho que fica a cerca 4km em busca da senhora Maria Terto irmã da minha mãe para também auxiliar no parto e depois cuidar da minha mãe durante o resguardo, de mim e das minhas duas irmãs mais velhas. Então quando o Ibanês já estava próximo de casa com a minha tia Maria montada na garupa do cavalo ouviram os estouros dos foguetes. Foram dois tiros, significa que a minha mãe já havia dado luz e que a criança era uma menina, pois quando uma mulher dava luz a um menino soltava-se três foguetes.

A minha mãe durante os meses da gestação já havia preparado tudo para “passar o resguardo”, isso significa que ela tinha quebrado coco babaçu para tirar azeite para ser utilizado no preparo da comida, feito sabão de azeite de coco, carvão de cascas de coco babaçu para ser usado no fogão caipira para o cozimento dos alimentos e os frangos cevados no chiqueiro<sup>1</sup>. Assim faziam as mulheres quebradeiras de coco babaçu desta região nas décadas de 60, 70, 80 e 90.

Minha família vivia em uma espécie de barracão coberto e cercado por palhas de babaçu, localizado às margens do ribeirão Piranha. Este era de chão batido e de segundo minha mãe durante o período chuvoso o chão ficava alagadiço, então ela

---

<sup>1</sup> Cercado feito de talas da palha da palmeira do coco babaçu, feito para prender aves como galinhas, patos, peru e também animais de médio porte como porcos, ovinos, caprinos etc.

colocava cascas de coco babaçu no chão e quando fazia dias de sol para enxugar a areia das margens do ribeirão deixada pelas enchentes ela utilizava como revestimento das cascas de coco na tentativa de manter o chão da casa/barracão menos úmido, afinal de contas ali moravam três crianças.

Ela ainda conta que com menos de um ano de idade ela tentava me manter em uma rede de pano para não ficar no chão molhado, pois isso podia ocasionar algumas doenças nas crianças. No entanto diz ela que minha inquietação era incontrolável e que qualquer descuido eu saía da rede e me arrastava pelo chão. Outras vezes quando ela se dava conta eu estava dentro da rede, mas com uma das pernas para fora tocando o pé no chão para em balar em um balanço.

Trago na memória meu primeiro dia de escola aos 7 anos de idade. Lembro que saímos de casa, eu, a minha mãe e as minhas duas irmãs mais velhas em direção ao povoado Piaçava onde ficava localizada a escola, esta funcionava no espaço de residência cedida por um morador do povoado. Logo na chegada ficava a casa da tia Rita (que é uma das interlocutoras desta pesquisa), lá a gente pegava os tamboretas (cadeiras), para se sentar na escola. A minha mãe levou um para mim, eu era muito pequena para carregar a escola ficava distante.

Ao chegar lá todas/os colocavam suas cadeiras e se sentavam, assim minha mãe pôs a minha e eu me sentei tranquilamente, no entanto quando vi a minha mãe se despedir do professor para voltar pra casa me deixando ali entrei em desespero. Parece estranho, mas eu era uma criança que não costumava sair de casa a não ser para a casa de tios e tias para brincar com meus primos e primas. Então eu comecei a chorar e tentar acompanhar a minha mãe, mesmo estando as minhas irmãs ali eu não queria ficar, só senti segurança com a minha mãe por perto. O professor era um jovem rapaz por nome Mauro, natural deste território.

Apesar de que naquela época os homens possuíam fama de carrascos, o professor Mauro não era, mesmo com uma baixa escolaridade e desconhecedor da existência da pedagogia de Paulo Freire ainda assim ele era um freiriano. Assim ele buscou me acolher com carinho e cuidado e sempre que era autorizado/ordenado pelo meu pai a me castigar para me manter quieta na escola, no entanto ele discorda e justifica que era assim mesmo no começo e que com o passar dos tempos eu iria me acostumar e ficar longe da minha mãe e fazer amizades com as outras crianças e que a partir daí era que eu ia começar a prender as coisas que ele ensinava na escola. Desse modo eu carrego sentimento eterno de gratidão a este

senhor e sou muito grata pela oportunidade de poder ter sido professora de seu filho e da sua filha a qual hoje é uma profissional do magistério.

Durante toda a minha trajetória estudantil na primeira fase do ensino fundamental tinha que fazer o percurso diário de 5km até a escola. No entanto nos primeiros anos como eu ainda era muito pequena a tia Rita pedia para minha mãe para eu ficar alguns dias da semana na casa dela, com a justificativa de que ida e volta somavam 10km diário e eu era uma criança muito pequena para fazer essa viagem de segunda a sexta feira, e assim a minha mãe concordava. Eu gostava muito de ficar com ela durante alguns dias da semana e às até mesmo de segunda a sexta feira. Eu era a única criança naquela casa, ela só tinha duas filhas adultas, mas bem próximo da sua casa morava seu irmão, o seu Zequinha esposo da senhora Maria Alves, a mãe Maria (que é uma das interlocutoras deste trabalho), eu gostava muito de brincar com as filhas do casal, jogávamos bola íamos tomar banho no ribeirão da Piaçava, fazíamos muitas coisas divertidas juntas.

Lembro bem que eu dormia em uma rede feita de tecido de algodão que a tia Rita amarrava no quarto dela. Bem cedo e acordava, levantava e preparava seu almoço e ia para Piranha (propriedade dos meus pais), quebrar coco e eu ficava com suas filhas. Guardo na memória uma vez em que em um certo ano em eu estudava no período vespertino a Dina filha da tia Rita me mandou ir tomar banho na fonte para poder ir pra escola e lá a gente mergulhava bastante, eu usava cabelos longos e sempre voltava do ribeiro como muitos nós, era difícil de pentear, então quando cheguei em casa vesti a roupa de ir para a escola e ela me mandou pentear os cabelos mas eu não conseguia, então comecei e enrolar o pente nas pontas e direcionei para a cabeça até não ter mais para onde ir.

Quando a Dina percebeu o que eu tinha feito tentou de todas as formas retirá-lo dos meus cabelos, mas era impossível, o que eu havia feito não tinha como reparar. Ela chamou as minhas irmãs que já estavam ali a minha espera para irmos juntas para a escola, mostrou o que havia acontecido, e explicou que a única maneira de resolver o problema era cortando os meus cabelos. Quis que elas testemunhassem o fato e explicassem para a minha mãe pois sabia o quanto ela presava nos manter de cabelos longos. Ainda bem que a Dina além de saber costurar roupas ela também sabia cortar cabelos caso contrário não sei o que teria sido de mim na escola com aquele pente engrenado nos cabelos, certamente teria

sofrido bullying pelos colegas de sala, é porque faltas as aulas minha mãe jamais permitiria.

Nós nunca deixamos de ir para a escola porque estava chovendo ou qualquer outro motivo a não ser em caso de doença, ela não admitia. Lembro que uma vez alguns homens produtores rurais que faziam roças na propriedade dos meus pais disseram ter visto o rasto de uma onça em um certo ponto do estrada em nós íamos para a escola, era um período de muita chuva e em dia chuvoso estávamos indo para a escola então ao nos aproximarmos do ponto em que havia sido visto o rasto da onça, na saída da nossa propriedade para adentrar a de um vizinho já a cerca de 2km da nossa casa uma das minhas irmãs disse ter avistado uma onça, então nós voltamos correndo até chegar em casa e contamos para a minha mãe o que havia acontecido, nós estávamos molhadas da chuva e sujas de lama dos pés à cabeça.

Então minha mãe ordenou que tomássemos banho trocasse as roupas, pegou um facão seguiu em direção ao local junto conosco. Seguimos, ao chegar no local o que havia lá era uma palmeira de coco babaçu caída no chão empretecida pelo fogo e folhas de vegetação murchas que foram cortadas durante o roço da pastagem. Nos imploramos para não ir a escolas naquele dia pois não sabíamos como faríamos para nos justificarmos para a professora o motivo de tamanho atraso, não queríamos contar na frente dos colegas o que realmente tinha acontecido, eles iam rir muito.

Mas minha mãe discordou. Ela era tão rígida em relação a assiduidade das filhas na escola que nós tivemos um professor que costumava tomar muita cachaça e muitas das vezes ficava durante toda a semana sem ministrar aulas, então quando nós chegávamos no povoado que ele não estava na escola e sim nos bares nós íamos até ele e perguntava se haveria aula no dia seguinte no intuito de evitar fazer o percurso em vão e ele simplesmente respondia: venha para a escola que você sabe. E no dia seguinte minha mãe nos fazia ir, ainda que encontrássemos os trabalhadores rurais, as quebradeiras de coco no decorrer do percurso e nos avisassem que o professor estava nos bares, não podíamos voltar para casa sem que fôssemos até ele para ver realmente, essa era a ordem da minha mãe.

Eu comecei o processo de quebração de coco por voltas dos 6 a 7 anos de idade, então conciliava com os estudos e outras atividades relacionadas a agricultura familiar e a criação de gado. Pois não tenho irmão homem, dessa forma eu e uma das minhas irmãs é que fazíamos as atividades como espantar os

pássaros nas plantações de arroz e de milho, ajudar na colheita desses e de outros gêneros, campear o gado nas pastagens, tirar o leite das vacas para o consumo doméstico e outras.

Quanto a coleta, quebração do coco babaçu e outras atividades relacionadas como por exemplo a preparação do carvão das cascas do coco, sempre fazia no horário contrário ao das aulas e durante todas as férias faziam em tempo integral. Era o período em que conseguia quebrar maior quantidade de quilogramas e então realizar principalmente compra de roupas calçados e cosméticos. Outra atividade costumeira e que costuma realizar em um período do ano era a coleta de laranja e tanga e lima para fins de comercialização. Minha família possuía na propriedade um grande sítio que rendia milhares de frutos, então estes eram liberados para que as pessoas que frequentavam a propriedade consumissem à vontade e levasse para casa para o consumo familiar, ainda assim o excedente era significativo, era preciso comercializar.

Dessa forma meus pais pagavam pessoas para realizar a colheita. O pagamento era feito de acordo com a produção, então eu e minha irmã também realizávamos a atividade e recebíamos pelos serviços, era uma forma de complementar a renda, muitas vezes esse trabalho era feito nos finais de semana a depender do dia em que o comprador de frutos vinha realizar a compra.

O penúltimo ano letivo da primeira fase do ensino fundamental considera que tenha sido um ano foi um ano difícil pois a minha irmã companheira de estrada no trajeto para escola e parceira de trabalho mudou-se para dar continuidade aos estudos pois a escola local ofertava somente a primeira fase do ensino fundamental.

Conseqüentemente tive que fazer o percurso sozinha durante todo o ano, assim o caminho se tornava longo, eu sentia muita falta dela, também já tinha mais sua parceria na labuta diária, então era eu e minha mãe. Ao terminar o ano letivo uma das filhas da Dona Nega (interlocutora desta pesquisa), que morava em outra localidade com uma tia retornou para a casa da sua mãe que ficava a cerca de 2km da nossa, então fiz amizade com ela, lá era somente ela de filha mulher junto de 7 irmãos homens, ela tinha uma irmã mulher, mas morava com a avó paterna no Estado do Pará, então nós nos tornamos amigas e ficava a maior tempo conosco, pouco permanecia na casa dos pais.

Assim, nós íamos juntas para a escola, para os cocais quebrar coco, para lavar roupas, pescar, para as quintas campear gado, para roça ajudar e às

vezes realizar sozinhas a quebra de milho, colheita de arroz e tantas outras atividades relacionadas a agricultura de subsistência. Muitas vezes durante o período das provas escolares nós reduzíamos o tempo de quebração de coco babaçu para nos dedicarmos a estudar, então uma lembrança que me marcou muito é que nós contabilizávamos a quantidade de quilos de coco babaçu quebrado que seria suficiente para nós comprarmos dois pacotes de biscoitos recheados, 2 geladinhos algumas balas e pirulitos então naquele dia nós quebrávamos somente o suficiente para a aquisição desses gêneros, uma vez que parte do nosso tempo era dedicada aos estudos.

Ao completar a primeira fase do ensino fundamental tive que mudar para a cidade de Nazaré/TO para poder dar continuidade aos estudos, foi um ano difícil para mim pois tive que sair de casa deixando minha mãe apenas com seu companheiro que raramente parava em casa, a vizinha mais perto era a Dona Nega.

Até durante o dia eu não me preocupava muito porque a casa era bastante frequentada pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu e pelos homens que faziam roças na propriedade e trabalhavam nos roços das pastagens, já a noite eu sabia que minha mãe ficava sozinha até altas horas e isso muitas das vezes me tirava o sono, mas não tinha nada que eu pudesse fazer, eu tinha que estudar mesmo que eu quisesse ficar em casa ela jamais iria permitir pois não permitia que as filhas interrompessem os estudos.

Assim eu permaneci por um ano em Nazaré onde cursei a 5ª série do ensino fundamental (hoje 5º ano), numa época em que a média de aprovação na rede estadual era 5,0 eu obtive notas a partir de 8,0 em todas as disciplinas com exceção da matemática que se quer eu conseguir alcançar a nota mínima e dessa forma eu fui reprovada tendo que repetir a mesma série no ano seguinte, isso para mim foi cruel. O professor de matemática era um carrasco eu sentia medo quando e adentrava a sala de aula, então não conseguia aprender o que ele ensinava.

No ano seguinte no mesmo colégio da cidade eu cursei novamente a 5ª série, só que dessa vez com uma professora de matemática maravilhosa, deu tudo certo e eu concluir o ano letivo com êxito. Durante esses dois anos só era possível realizar a quebração de coco babaçu durante os feriados prolongados e no período das férias escolares. A minha mãe quebrava coco durante a semana e sempre tinha o dinheiro para pagar as nossas passagens para vir passarmos o fim de semana em casa.

Quando foi para eu cursar a 6ª série o prefeito municipal já havia implantado a 5ª e 6ª séries no povoado Piaçava município de Nazaré/TO e assim eu finalmente pude voltar para a casa da minha mãe poder fazer companhia para ela ajudar nos afazeres da casa e da propriedade e ainda voltar a companhia da minha amiga Jucinha, a filha da Dona Nega. A questão é que o ensino era ofertado a noite e nós tínhamos que fazer o velho percurso de 5 km. A parte boa é nós íamos ter todo o dia livre para quebrar coco isso era muito positivo para nós porque íamos conseguir ganhar um pouco mais de dinheiro para comprar as coisas que precisávamos.

Desse modo retomamos nossa rotina estudantil e de trabalho com uma diferença, antes nós fazíamos o percurso sempre a pé e a partir das aulas a noite nós íamos tanto a pé quanto de bicicleta e no período chuvoso nós íamos montada de animal pois a estrada acumulava muito lama devido ser muito frequentada por homens e mulheres trabalhadores/ras rurais e ainda era comum gados andarem pelas estradas sendo levado de uma propriedade para outras.

Foi um ano marcante na minha trajetória, poder voltar para casa retomar a vida na roça foi muito satisfatório, além do mais, agora eu e a Jucinha já éramos moças; então, além de estudar e trabalhar, algumas vezes, nossas mães permitiam que fôssemos a algumas festas nos povoados vizinhos nos finais de semana e sempre que elas deixavam nós não perdíamos a oportunidade. Mas ao concluir a 6ª série uma das escolas de Nazaré/TO havia implantado um programa chamado de Projeto Palmas em que era possível cursar 2 séries da segunda fase do ensino fundamental em apenas um ano, e assim uma tia disse a minha mãe que me matriculasse no programa para recuperar o ano de reprovação na 5ª série. Minha mãe concordou e mais uma vez eu tive que sair da roça e voltar à rotina da cidade e limitar as atividades do extrativismo do coco babaçu apenas aos feriados prolongados e ao período das férias. E assim foi a minha rotina durante um ano no Projeto Palmas e mais três anos em que passei cursado o ensino médio magistério.

Ao concluir, em 1997, voltei mais uma vez para a casa da minha mãe e logo passei a exercer o cargo de professora em um programa social voltado para atender crianças em situação de vulnerabilidade social e assim em 1999 fui aprovada em concurso público para o cargo de professora da educação básica no município de Angico, no Estado de Tocantins, onde permaneci por algum tempo trabalhando em uma escola da zona rural.

No ano 2000, tive meu filho, o Luis Fernando; sou mãe solo. Em 2001, comecei a cursar o normal superior na cidade de Nazaré/TO na modalidade tele presencial; em 2003 fui aprovada no concurso da prefeitura municipal de Nazaré/TO também para o cargo de professora da educação básica e, em 2004, conclui o Normal Superior e somente em 2008 fiz uma complementação em pedagogia. Em 2009, fui aprovada no concurso da SEDUC/TO para o cargo de professora da Educação Básica, sendo empossada no ano 2010.

Atualmente, concilio a vida de mãe e dona de casa com os estudos e os cargos de professora nas duas redes. E, assim, já não é mais possível exercer as atividades do extrativismo do coco babaçu, pois o período das férias que antes era exclusivo para tal há alguns anos é reservado para os estudos. No entanto, vez ou outra tiro um tempo para quebrar como uma atividade de lazer. Isso porque uma vez quebradeira de coco jamais será possível esquecer; assim, tem dias em que a vontade de fazer de novo é tão grande que havendo possibilidade uma quebradeira deixa de lado outros afazeres e vai quebrar coco.

Desse modo, o ascender dos desejos que me guiaram a percorrer os prazerosos e árduos caminhos de uma pesquisa de Mestrado Interdisciplinar — do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) da Universidade Federal do Norte do estado do Tocantins (UFNT) — está intimamente ligado à minha trajetória de vida, digo, à minha construção cultural, social e territorial.

As tradições familiares e de grupos sociais aos quais pertenço me levaram a trilhar os caminhos para a realização desta pesquisa. Sendo eu filha de quebradeira de coco babaçu e praticante da agricultura familiar de forma totalmente agroecológica, despertou-me o desejo de conhecer (desta vez como pesquisadora) a trajetória de vida das mulheres quebradeira de coco babaçu do povoado Piaçava, no município de Nazaré, estado do Tocantins (TO).

Minha mãe não teve acesso à educação escolar, porém, sempre priorizou que suas três filhas frequentassem de maneira assídua a escola. Isso por acreditar que o saber escolar/acadêmico é de suma importância para o “respeito” e o “reconhecimento do prestígio social”. Nesse sentido, um dos fatores que levei em consideração para a escolha do tema desta pesquisa é o fato de pertencer à família e aos grupos de mulheres quebradeiras de coco babaçu reconhecendo que este recurso natural foi de suma importância para minha entrada e permanência na

escola pública gratuita; essa foi a principal fonte de renda da minha mãe para que eu pudesse manter-me na escola. Assim, realizar a pesquisa tendo como interlocutoras mulheres quebradeiras de coco babaçu, inclusive a minha mãe, é uma forma de reconhecimento do protagonismo e do trabalho delas, não só para suas famílias, mas também para a questão sociocultural, territorial, econômica e política da comunidade.

### **1.1 As interlocutoras**

Ana Pereira de Castro, 78 anos de idade nasceu no norte de Goiás. Mãe de 3 filhas. Aprendeu a quebrar coco babaçu aos 7 anos de idade. Reside no território de Piaçava desde os 11 anos de idade. Apesar de ter se casado com um proprietário de uma pequena propriedade de terras, mas que com o passar do tempo ampliou sua propriedade se tornando um dos maiores pecuaristas do território de Piaçava, a quebração do coco babaçu sempre foi sua principal fonte de renda financeira, para manter as filhas na escola, para a aquisição de moveis e utensílios domésticos.

**Figura 1 - Ana Pereira de Castro**



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2022.

Maria Luiza da Silva Santos, 67 anos de idade, nasceu no norte do estado de Goiás, (atual Estado de Tocantins). Chegou no povoado Piaçava com 2 anos de idade. Mãe de 4 filhos. Começou a quebrar coco com sua mãe aos 10 anos de idade. Até o momento pratica a quebração do coco babaçu, especialmente para tirar azeite para o consumo doméstico e para o pequeno comércio.

**Figura 2 - Maria Luiza da Silva Santos**



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2022.

Maria do Socorro Sousa Silva, 73 anos de idade, nasceu no norte do Estado de Goiás no povoado Taboca município de Tocantinópolis, chegou no povoado Piaçava com 6 anos de idade. Mãe de 2 filhas. Começou a quebrar coco aos 10 anos de idade. Quebra coco até hoje na sua própria residência para a extração do azeite para fins do próprio consumo doméstico e para o pequeno comercio.

**Figura 3 - Maria do Socorro Sousa Silva**



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2022.

Maria de Jesus Pereira de Sousa (Nega), (in memória), nasceu no estado do Maranhão, migrou com a família para o norte de Goiás em casou-se criou 7 filhos e 2 filhas. O coco babaçu foi a fonte de renda para o sustento da sua família até que os filhos e as filhas conquistassem sua independência. Aposentou-se, mas ainda assim continuou na atividade da quebração do coco babaçu. Faleceu em agosto de 2022, aos 71 anos, vítima de um infarte fulminante.

**Figura 4 - Maria de Jesus de Sousa (Dona Nega) /in memoriam**



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2022.

Maria Raimunda Conceição Pinto (Dona Maria Futuro), 72 anos de idade, nasceu no município de Grajaú no Estado do Maranhão. Iniciou a atividade da quebração de coco aos 7anos de idade. Migrou para Povoado Piaçava no Estado de Tocantins com o esposo, três (3) filhas e dois (2) filhos. Tanto no Maranhão como no Tocantins o coco babaçu foi sua principal fonte de renda para o sustento da sua família. Ao aposentar-se como lavradora passou a quebrar coco apenas para a produção de leite e azeite para o próprio consumo, atividade esta em que Dona Maria exerce até os dias atuais.

**Figura 5 - Maria Raimunda Conceição Pinto (Maria Futuro)**



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2022

Maria Alves de Araújo Sousa, 68 anos de idade, nasceu no estado de Goiás, às margens do ribeirão Piranha, localizado no município de Tocantinópolis, atual município de Nazaré Estado de Tocantins. Começou a quebrar coco aos 7 anos de idade deixando de praticar aos 60 anos devido às questões de saúde. Fixou residência no povoado Piaçava em 1971 com o senhor Zequinha morador deste povoado.

**Figura 6 - Maria Alves de Araújo**



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2022.

Margarida Bispo de Carvalho, 71 anos de idade, mãe de 6 filhos e 1 filha, nasceu no Estado de Goiás, no município de Boa Vista do Pe. João, (Atual cidade de Tocantinópolis), ao se casar mudou-se para o Povoado Piaçava Município de Nazaré. Iniciou o processo da quebração do coco babaçu ainda criança aos 7 anos de idade, se mantendo na atividade durante toda sua trajetória de moça solteira. Ao se casar continuou no trabalho de extrativismo do coco babaçu como forma de sustento da família.

**Figura 7 - Margarida Bispo de Carvalho**



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2022

Rita Rodrigues de Sousa (Rita Barbosa), nasceu no Estado do Maranhão, no município de Pastos Bons. Em 1953 com o processo migratório veio para o Estado de Goiás juntamente com seu esposo, sua mãe, seus 2 irmãos, 1 irmã e tantas outros/as imigrantes. Tem 88 anos de idade. Mãe de 2 filhas e 1 filho. Aprendeu a quebrar coco babaçu aos 7 anos de idade e praticou esta atividade até os 70 anos. Conhecida como Rita Barbosa devido ao fato de esse ser sobrenome familiar e embora este não conste nos seus documentos pessoais ela o carrega como identificação.

Ficou viúva com duas filhas e um filho ainda crianças, e foi por meio do comércio/comercialização e da utilização dos derivados do coco babaçu que ela encontrou condições para criar sozinha as filhas e o filho. Como tantas outras mulheres quebradeiras de coco, ela também se destacava na atividade da coleta e

quebra do coco babaçu e utilização dos seus derivados na culinária local. Rita Barbosa vive sozinha na sua residência, pois seu filho faleceu ainda adolescente e as filhas se casaram e foram morar em outras localidades. Ela realiza os afazeres domésticos diariamente, com exceção de lavar roupas de cama, redes e lavar a casa. Tem criação de galinhas, no quintal da sua casa, e cultiva o plantio de hortaliças, milho, feijão, mamão, laranja, mandioca, coco da praia, banana, plantas medicinais e outros. Até os 64 anos de idade, além de praticar a atividade de extrativismo do coco babaçu fazia roças para plantar principalmente arroz e milho.

**Figura 8** - Rita Rodrigues de Sousa (Rita Barbosa)



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2022.

## 1.2 Os Caminhos trilhados no decorrer da pesquisa

A pesquisa tem por objetivo geral compreender as produções de saberes das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado Piaçava, município de Nazaré/TO, por ocasião da realização de *práticas dos comuns ou adjunto*. Os objetivos específicos se constituíram em: caracterizar o território em que vivem as mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado Piaçava município de Nazaré/TO. Descrever os modos de viver das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado Piaçava município de Nazaré/TO. Conhecer saberes produzidos pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado Piaçava município de Nazaré/TO, por ocasião da realização de práticas dos comuns ou adjunto.

A pesquisa despontou em 2022, com as primeiras idas a campo para falar às quebradeiras do coco sobre nossas intenções de pesquisa, ouvi-las, e entender o que de fato lhes era relevante, tanto em suas particulares histórias de vida como na trajetória do coletivo do grupo. Dessa forma, depois de várias conversas com as interlocutoras, projeto de pesquisa foi readequado para que assim pudesse contemplar, ao máximo possível, os anseios das interlocutoras, desse modo os objetivos foram por nós definidos.

Assim, retornamos à comunidade, e em uma roda de conversa com as mulheres, apresentamos para elas a proposta de pesquisa em sua estrutura reformulada para que, de forma democrática, pudéssemos nos certificar de que as mulheres estavam de acordo com ela. Sendo esta aceita pelas mulheres quebradeiras, esclarecemos sobre os procedimentos, métodos e técnicas de pesquisa a serem utilizados, com ênfase nas entrevistas e nos registros fotográficos.

Nas primeiras idas a campo para coletar dados percebi que algumas mulheres apresentavam resistências com relação aos registros fotográficos e com a narrativa de suas histórias de vida, mas depois de várias conversas falando o quanto elas, suas memórias e os seus modos de viver são importantes, valiosos e reconhecidos pela academia, pelas universidades e, especificamente, para as/os integrantes do PPGCULT as interlocutoras faziam questão de contarem suas histórias e autorizar os registros fotográficos.

Assim, elas se sentiam parte do processo e compreender a importância das suas contribuições para que as suas histórias sejam contadas, ouvidas e

registradas, e, assim, passarem a fazer parte do acervo bibliográfico da UFNT e de outras instituições.

Realizamos leituras acerca da representação cultural das quebradeiras de coco babaçu da região norte do estado do Tocantins, inspirando-me na liderança de Raimunda Gomes da Silva, falecida em 7 de novembro de 2018. Ela ficou conhecida por lutar pela valorização das quebradeiras de coco a partir de seu ativismo e da luta pela criação da Secretaria da Mulher Trabalhadora Rural Extrativista do Conselho Nacional de Seringueiros (CNS), da Fundação da Associação das mulheres Trabalhadoras Rurais do Bico do Papagaio (Asmubip) e do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), que atuam nos estados do Pará, Tocantins, Maranhão e Piauí.

Conforme a pesquisadora Milena Lena:

Esse movimento teve como principal pauta a luta para que as quebradeiras de coco pudessem ter acesso às terras públicas e privadas que continham a palmeira do coco babaçu; e para que as palmeiras não fossem derrubadas. (2021, p. 49).

Sem dúvidas, esse movimento representa um marco de lutas e resistências dessas mulheres, fortalecendo o movimento e as pautas vigentes em comum. A região norte do Estado do Tocantins é conhecida pelos movimentos de luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, no que se refere às mudanças da realidade social. O advento do agronegócio e da pecuária vem impossibilitando as práticas culturais de várias comunidades rurais e tradicionais, como as populações quilombolas, indígenas, quebradeiras de coco babaçu e ribeirinhas. As mulheres quebradeiras de coco babaçu são protagonistas dessas lutas, por serem defensoras de agroecologia, extrativismo e organizações comunitárias.

Segundo Lena (2021):

As mulheres extrativistas do coco babaçu, conhecidas como quebradeiras de coco babaçu, possuem importante papel histórico, econômico, social, político, ambiental e cultural na chamada "região dos babaçuais". Mais de 400.000 mulheres do extrativismo agrícola participaram da extração do coco babaçu, mas essa atividade está constantemente sob ameaça, seja para impedir que essas mulheres entrem em contato com os babaçus, seja pela expansão do agronegócio em áreas dominadas por babaçu; ou pela dificuldade da venda dos produtos oriundos do babaçu. (LENA 2021, p. 48).

As mulheres quebradeiras de coco babaçu enfrentam os desafios de continuarem a cumprir seu papel de extrativistas conforme o que está posto por Lena, isso porque os territórios dos babaçus vêm sofrendo uma diminuição drástica, desafiando e ameaçando essas práticas culturais, pois as derrubadas das palmeiras é uma cruel realidade que vem impactando na preservação cultural e territorial e impossibilitando os fazeres das mulheres.

A dissertação de mestrado *As filhas das palmeiras do coco babaçu: Memórias e Resistência nos modos de vida de quebradeiras de coco de São Miguel do Tocantins (TO)*, do pesquisador Juscelino Laurindo dos Santos (2021), é referência nos estudos das quebradeiras de coco babaçu da região norte do estado do Tocantins. O autor analisa os modos de vida das mulheres quebradeiras no município de São Miguel, especificamente do assentamento Sete Barracas, através das memórias e resistências.

Assim o autor diz que:

Com a dinâmica das palmeiras e as possibilidades que o babaçu oferece produzem e criam estratégias que lhes permitem manter suas práticas culturais: a quebração do babaçu. [...] permitindo-lhes que o coco babaçu [fosse] um elemento central na conservação de costumes, memórias [...]. As marcas de pertencimento são visíveis na oralidade. Ao acordar, durante os afazeres da casa e na quebração de coco [construíam] seus aprendizados e [ensinavam] às crianças, que [aprendiam] os ensinamentos do viver diário dessas mulheres. (SANTOS, 2021, p. 22).

Desse modo a dinâmica a qual é posta por Santos é também vivenciada pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado Piaçava, até a década de 1990, fato comum em vários territórios, pois a preservação ecológica dos babaçuais ainda permitia tais modos de viver.

Na discussão territorial, faz-se referência a Saquet (2008) e Haesbaert (2006), por discutir as temporalidades, as territorialidades e a desterritorialização:

Deleuze e Guattari mostram a intrincada inter-relação entre todos estes tipos de desterritorialização, cada um podendo desembocar no outro, na forma ou de simples conjugações, ou, mas enfaticamente, de conexões. Criação e destruição, contudo, são fundamentais para entender os sentidos positivos e negativos que podem decorrer da desterritorialização absoluta (HAESBERT, 2006b, p. 133).

É perceptível que, ao longo das décadas, o avanço da pecuária e do agronegócio na região norte do estado do Tocantins se tornou uma realidade,

implementada pelos setores econômico e ruralista. Esse crescimento vem provocando os processos de desterritorializações e reterritorializações das mulheres quebradeiras de coco babaçu.

Assim, as ações dos pecuaristas as impossibilitam de manter os modos tradicionais de vida e o ofício do coco babaçu. Alfredo Wagner Berno (2019, p. 40) aborda a pluralidade e territorialidade acerca das mobilizações políticas das quebradeiras de coco babaçu.

Há uma pluralidade de identidades em jogo que reflete nas territorialidades específicas construídas a partir das mobilizações políticas e de condições peculiares de existência coletiva. Tais identidades não podem ser reduzidas a papéis sociais ou a ocupações, no sentido econômico, porquanto compreendem um modo de vida e a consciência de seus direitos elementares, uma maneira determinada de produzir com unidades de produção familiar e/ou afetivas, consoante um conhecimento intrínseco ao exercício de atividades autônomas que garantem uma reprodução física e cultural.

No contexto do Povoado Piaçava, é notável a pluralidade de identidades que demarcam essa cultura, tanto em ações coletivas como em situações peculiares, coadunando com a produção familiar e econômica. Na discussão cultural, Thompson (1998) — ao estudar a formação da classe operária da Grã-Bretanha por meio do costume — é referência nas reflexões e no entendimento da cultura em diferentes contextos históricos.

Remetemo-nos à metodologia qualitativa com o método da História Oral, pautada em Portelli (2016); Meihy e Ribeiro (1996); Thompson (1992), e em entrevistas semiestruturadas com oito mulheres. A finalidade é buscar, nas memórias dessas quebradeiras de coco babaçu, as histórias de seus modos de viver regrados pelos babaçuais e a afirmação de suas identidades. Meihy e Ribeiro (1996) consideram a história oral a partir da percepção do passado e sua continuidade, hoje, situando que o processo histórico não é acabado, ou seja, as memórias e narrativas são situadas a partir da oralidade passada por gerações. Thompson situa a história oral a partir de uma prática geradora de transformação e mudanças da história, além de situar que “A história oral é uma história construída em torno de pessoas [...]” (THOMPSON, 1992, p. 44).

Portelli defende que a história oral é a arte da escuta, situando o desenvolvimento da escuta e de suas interfaces. É perceptível a diversidade de narrativas que as mulheres carregam em suas memórias, demarcadas por histórias,

objetos, culinária, extrativismo e comércio. No que concerne às memórias, Pollak disserta:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos consciente de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividade de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. (1989, p. 15).

Contextualizando com a realidade das quebradeiras de coco babaçu, são nítidas as memórias que elas carregam em suas identidades por meio dos processos de resistências e das lutas políticas frente ao crescimento da pecuária.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com base na temática história de vida e técnica de história oral com oito mulheres com idades entre 67 e 87 anos cuja identidade é demarcada como quebradeira de coco. O procedimento de realização das entrevistas se deu nas residências das interlocutoras em horários e datas que elas pudessem se sentir confortáveis, o que trouxe mais segurança e lhes deixou mais à vontade para narrar suas histórias de vida marcadas pelos territórios de palmeirais e seus frutos.

As entrevistas abordaram as narrativas das memórias individuais e coletivas sobre as práticas da cultura da quebração do coco babaçu bem como várias outras atividades realizadas por elas no processo de extrativismo do coco babaçu e as práticas dos comuns.

As mulheres quebradeiras de coco babaçu criam e dão significados às histórias que são passadas de geração para geração, pois as relações com as palmeiras são importantes para a perpetuação dos saberes e dos fazeres, como as práticas de quebrar o coco e a utilização de seus elementos naturais. Com a palha, são cobertas as casas, fabricados cofos, abanos, esteiras e outros objetos artesanais; da casca, é feito o carvão para uso no fogão caipira; a amêndoa tanto é comercializada como também usada para tirar azeite ou leite. E, assim, fazem as mulheres quebradeiras de coco do povoado Piaçava.

Em relação à identidade, Hall (2006, p. 11) aponta que “[...] a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade”, pois essas interações, no contexto das quebradeiras de coco babaçu, são permeadas pelas preservações e os conhecimentos tradicionais para as mais jovens; assim, a cultura dos babaçuais

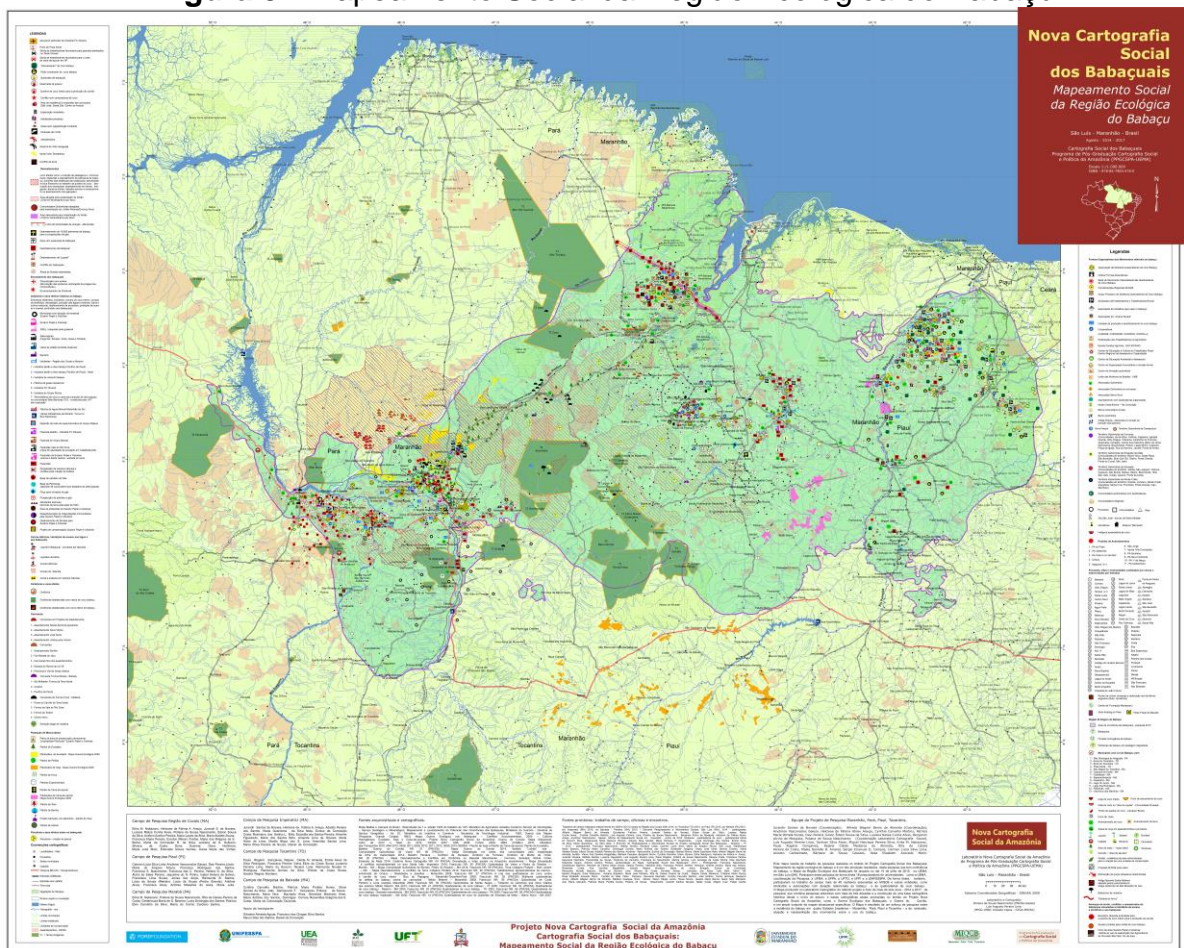
enquanto identidade potencializa a continuidade das práticas culturais, especialmente aquelas voltadas ao consumo familiar dos derivados do coco babaçu e ao pequeno comércio tanto no âmbito local como para outras localidades.

O corpo da dissertação está organizado em 4 seções a partir desta Introdução. Na seção 2, intitulada *O percurso no babaçual*, discorremos sobre as características atuais e históricas do Povoado Piaçava, através das territorialidades das mulheres quebradeiras de coco babaçu. Na seção 3 — *A saga no babaçual: modos de viver das mulheres quebradeiras de babaçu de Piaçava (o território dos babaçuais)* — apresentamos os modos de vida por meio dos recortes históricos a respeito do uso comum do território dos babaçuais. A seção 4, denominada - *Os impactos ocasionados pelo desmatamento dos babaçuais sob a ótica das mulheres quebradeiras de babaçu de Piaçava* aborda a respeito da devastação do território ecológico dos babaçuais na década de 1990 e os impactos nas práticas do trabalho das mulheres quebradeiras de coco babaçu, além de apresentar histórias de vida e produção de territorialidades situando as narrativas e memórias da prática dos comuns nas décadas de 1960 a 1990. A quinta seção traz as considerações finais acerca da dissertação.

## 2 O PERCURSO NO BABAÇUAL

O Tocantins possui representatividade de comunidades, que compõem um mosaico de diversidade cultural, caracterizado pelas quebradeiras de coco babaçu, com maior abrangência nas zonas rurais, comunidades indígenas e quilombolas, situados no território de transição amazônica representado pelo cerrado. Nesse contexto, observamos a natureza e os impactos ambientais que se localizam os babaçuais, situando as memórias e narrativas das mulheres quebradeiras de coco. Nesse sentido, apresentamos o mapa da região ecológica dos babaçuais.

**Figura 9 - Mapeamento Social da Região Ecológica do Babaçu**



Fonte: Programa de Pós-Graduação Cartografia Social e Política da Amazônia – UEMA (2018)  
<http://novacartografiasocial.com.br>.

O mapeamento da região ecológica do babaçu teve sua atualização em 2015, em uma grande pesquisa das áreas de incidências e ocorrência dos babaçuais. Termo cunhado pelas quebradeiras de coco que estiveram na condução da pesquisa junto com pesquisadores das universidades, do Tocantins, Pará, Maranhão

e Piauí. No final da pesquisa foi elaborado atualizado o mapa que hoje serve de referência para as quebradeiras de coco e sua luta política por direitos a coleta do babaçu e elaboração da lei do babaçu livre.<sup>2</sup>

O município de Nazaré está localizado na região do Bico do papagaio<sup>3</sup> no Estado do Tocantins, e faz limites com as seguintes cidades do estado do Tocantins: Tocantinópolis, Santa Terezinha do Tocantins, Angico, Aguiarnópolis e Luzinópolis. Território com representatividade de babaçuais, pecuária e cerrado, e com árvores típicas, do próprio cerrado como, pequi, caju, buriti, bacuri, bruto e outros.

É notória as descontinuidades históricas territoriais dessa região, marcada pelo crescimento de rodovias circundando essas cidades, além do crescimento urbano. Assim Figura 10 traz a fotografia da rodovia que liga o município de Nazaré/TO à cidade de Luzinópolis/TO; nela, é possível perceber que a construção de rodovias altera significativamente o território e causa a destruição das palmeiras do coco babaçu alterando também os modos de as mulheres cultuarem o extrativismo do coco.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/mapas/>.

<sup>3</sup> Região conhecida pelo nome de Bico do Papagaio por ter formato do bico de um papagaio no mapa.

**Figura 10** - Rodovia que corta o território



Fonte: arquivo da autora.

A Figura 10 traz informações de que a construção das rodovias é prejudicial ao território ecológico dos babaçuais, isso porque, além de o desmatamento, destrói totalmente as palmeiras pelo percurso em que é feita a construção do asfalto. Ainda se faz necessário o desmatamento por completo de grandes trechos para a construção das margens que garantem mais segurança no trânsito. Além do mais, as poucas palmeiras que restam são prejudicadas devido à poluição causada por veículos automotores.

Ainda é visível a presença de pastagens e assim a redução das palmeiras e conseqüentemente a diminuição do coco babaçu. Tais fatos mudam completamente a dinâmica do território e os modos de viver das mulheres quebradeiras de coco babaçu, alterando, assim, a cultura de todas as pessoas que vivem no território dos babaçuais bem como nos povoados próximos destes.

Nessa perspectiva, movimento Saquet para compreender a concepção de território:

O território é um espaço natural, social, historicamente organizado e produzido; a paisagem é o nível visível e percebido deste processo. [...] as concepções de espaço e território se confundem, tanto no nível de

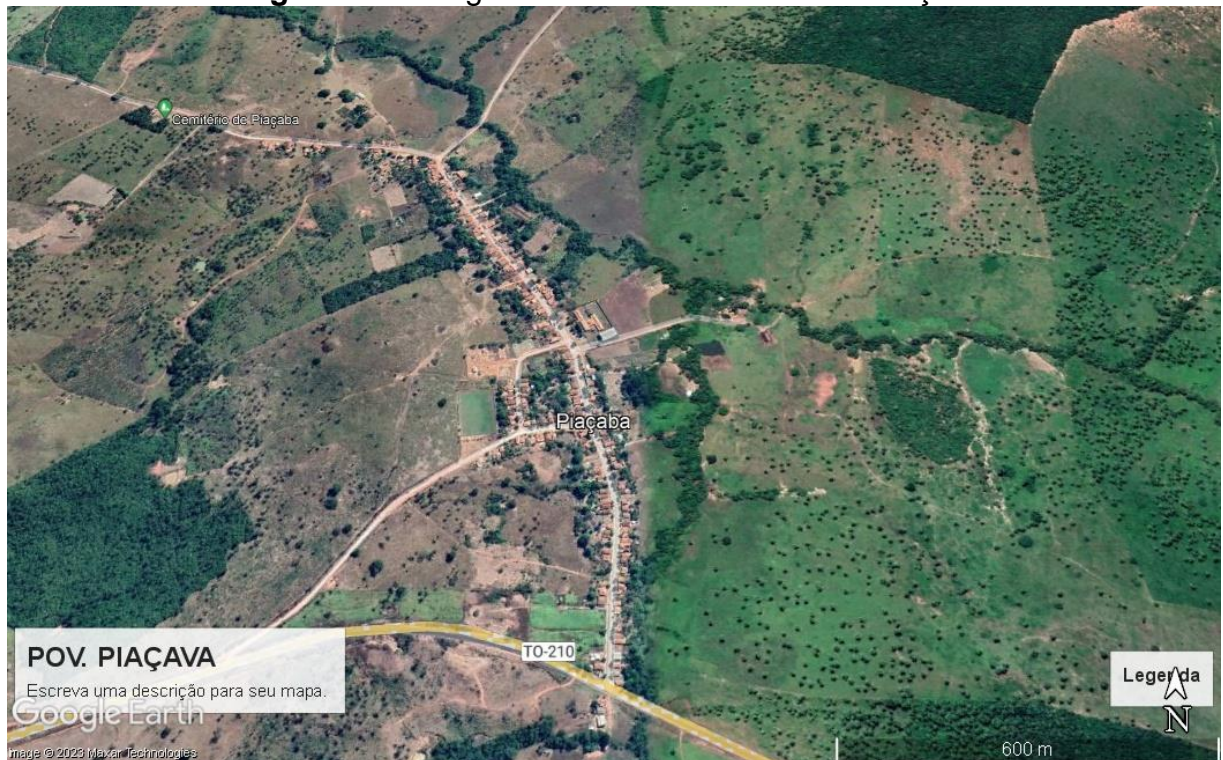
interpretação como no do real. O território é produto de ações históricas que se concretizam em momentos distintos e sobrepostos, gerando diferentes paisagens. O espaço correspondente ao ambiente natural e ao ambiente organizado socialmente, com destaque para as formas/edificações e para as formas da natureza. (2008, p. 81).

O território é caracterizado pelo espaço social e natural, no qual a paisagem é resultado das transformações e modificações do território, como o território em que vivem as quebradeiras de coco babaçu, no povoado Piaçava, que vem passando por várias mudanças ao longo das décadas devido o avanço da pecuária. Pois os fazendeiros desmatam e cercam para a plantação de pastagens que servem para alimentar o gado. O desmatando é feito de forma irregular, deixando de cumprir, por exemplo, a Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012 que define as matas ciliares como Área de Preservação Permanente (APP).

Assim, os fazendeiros desmatam as nascentes e as margens dos ribeirões. Essas intervenções causam o assoreamento a poluição e a diminuição das águas causando grandes problemas para com a fauna e a flora e conseqüentemente prejudicando a vida humana.

A seguir, a imagem de satélite comprova o que está dito no parágrafo anterior. Nela, é possível ver que ação dos fazendeiros causa grande desmatamento, que se dá para fins do cultivo de pastagens visando a grandes lucros com as atividades da agropecuária.

**Figura 11 - Imagem de satélite do Povoado Piaçava**



Fonte: site Google Earth.

A Figura 11 é uma demonstração do espaço social e natural do povoado Piaçava e seus arredores. Nela, é possível ver que há uma organização do território no que se refere às formas de estruturas das moradias, a organização do trabalho das famílias e da cultura local e outros elementos. No entanto, as ações de homens pecuaristas causam transformações da natureza de forma desordenada. Desse modo, para que se tenha uma compreensão mais estruturada a respeito do território, é importante trazer a perspectiva de Saquet:

[...] a terra é tornada território quando há comunicação, quando é meio e objeto de trabalho, de produção, de trocas, de cooperação. O território é um produto socioespacial, de relações sociais que são econômicas, políticas e culturais e de ligações, de redes internas e externas que envolvem a natureza. Por esta via o espaço físico entra nas relações e nas estruturas sociais (2006, p. 76).

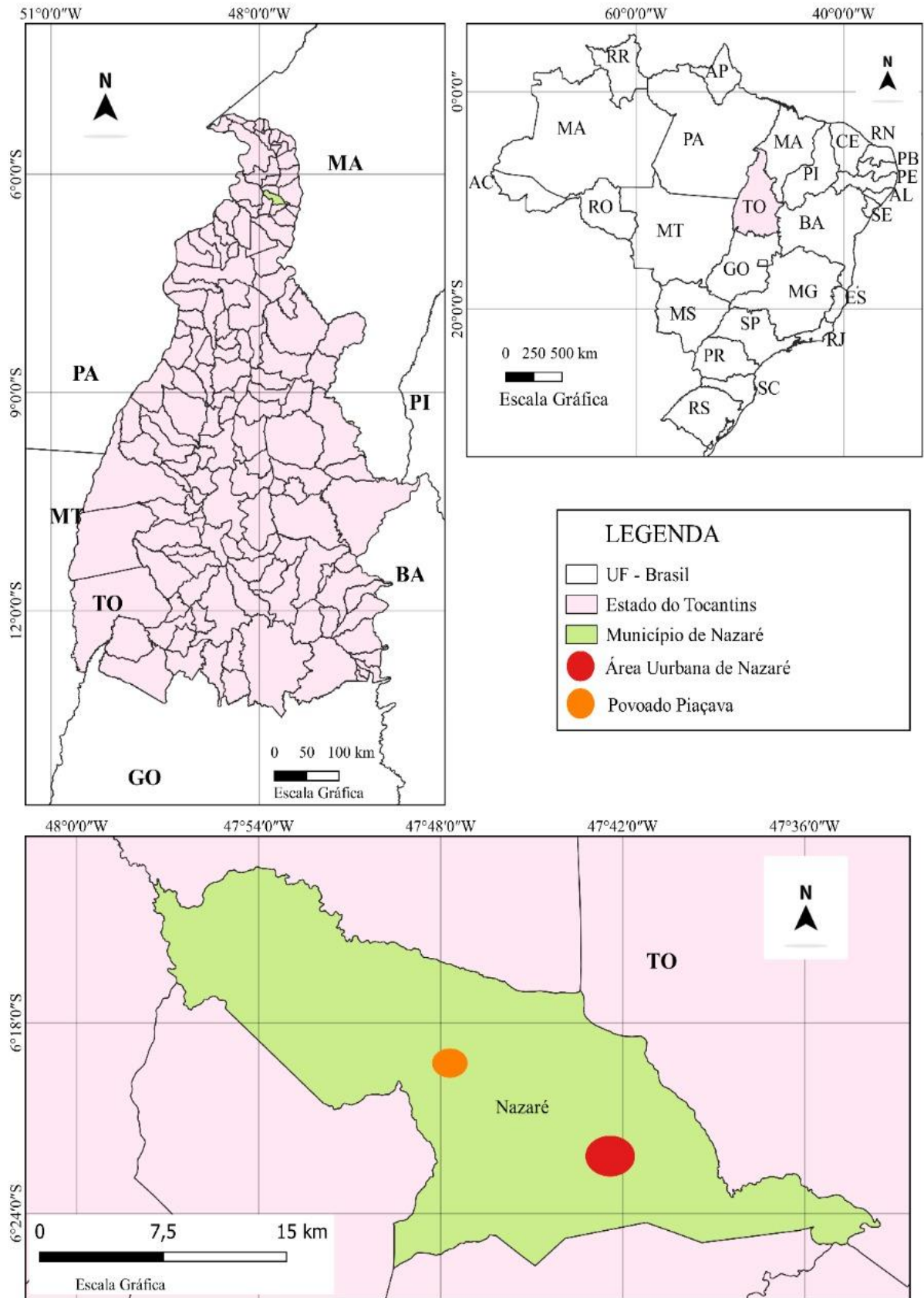
Nesse sentido, o autor esclarece que o território é ilação e conjuntura da descrição social-natural, sendo favorável e, de certa forma, ordenado por ligações políticas, econômicas e culturais. Assim, a natureza e a sociedade estão presentes no território de forma multidimensional.

Desse modo, as mulheres quebradeiras de coco babaçu do território de Piaçava já não possuem condições de cultivar as atividades de coleta, quebração do coco como bem outras atividades relacionadas ao extrativismo coco da mesma forma em que as faziam antes das ações dos fazendeiros alterarem de forma brusca o território dos babaçuais. A imagem de satélite trazida aqui é uma comprovação da existência da desterritorialização das mulheres extrativistas do coco e também praticantes da agricultura familiar.

Tendo visto aqui a Figura 10, e assim observado a real situação do território dos babaçuais em que as mulheres realizam suas atividades, trazemos a seguir o mapa do município de Nazaré e do povoado Piaçava em que vivem as mulheres; este traz informações complementares à imagem de satélite permitindo assim uma melhor compreensão do território e da dinâmica de trabalho das mulheres na realização das atividades do dia a dia.

À direita, acima, no centro do mapa do Brasil, está localizado o mapa do Estado do Tocantins; na parte superior à esquerda, o mapa do Estado do Tocantins e, no topo deste, se encontra a Região do Bico do Papagaio, tendo em destaque na cor verde se encontra o município de Nazaré/TO. A seguir, o mapa do município de Nazaré com as seguintes informações: o ponto vermelho em forma de círculo traz a localização da sede do município a cidade de Nazaré e no centro do mapa em destaque na cor laranja a localização do povoado Piaçava onde vivem as mulheres quebradeiras de coco babaçu que realizam as atividades extrativismo do coco no território ecológico dos babaçuais aos redores do povoado.

**Figura 12 - Mapa do Município de Nazaré/ Povoado Piaçava**



Fonte: SEPLAN-TO (2012);(IBGE-2010);Projeção/DATUM: Geografica/SAD-69; Elaboração Gráfica: FRANÇA, Andison (08/22)

Fonte: Seplan-TO (2012); Projeção /DATUM.

Atualmente, o povoado Piaçava possui uma população de aproximadamente 500 pessoas, segundo os dados da Secretária de Saúde de 2022. Possui uma escola da Rede Estadual, uma Unidade Básica de Saúde (UBS), uma quadra poliesportiva, igrejas católica e evangélica, associação de produtores rurais e pequenos supermercados que atendem às demandas da população.

A origem do nome se deu pelo fato de que, no início do povoamento, havia uma palmeira do coco piaçava na cabeceira do ribeirão que abastecia o território. Por sinal, o córrego também foi “batizado” com o nome de ribeirão da Piaçava. Abrimos aqui um parênteses para dizer que a palmeira de coco Piaçava possui algumas semelhanças com a de coco babaçu; para comprovar o que foi dito, trazemos uma imagem de palmeiras do coco piaçava e, em seguida, retomamos as informações a respeito do território.

**Figura 13 - Palmeiras de coco Piaçava**



Fonte: <https://palmeiraseheliconias.com/a-palmeira-piacava/>

A Figura 13 mostra algumas palmeiras do coco piaçava; infelizmente, as palmeiras do coco piaçava que existiam às margens da cabeceira do ribeirão

piaçava foram extintas devido as ações de desmatamento realizadas pelos fazendeiros que se tornaram “donos” das terras.

Sua localização geográfica privilegiada no centro do território municipal, conforme mostra o mapa na Figura 11, favorece as pessoas que residem no povoado, pois viabiliza o acesso para a sede do município e ainda para as cidades de Luzinópolis, Angico e outras. O povoado Piaçava é referência nas atividades do extrativismo do coco babaçu, com presença significativa de mulheres perpetuando essa prática. Segundo Hagino (2007, p. 02), essas quebradeiras, “[...] fazem parte de um movimento social feminino que combina consciência ecológica, saberes vivenciados pela prática e detenção da autonomia da produção, formando uma identidade coletiva”.

Levando em conta as considerações de Hagino, o coletivo de mulheres quebradeiras de coco babaçu possui um importante papel para a qualidade de vida da comunidade em geral, pois pratica as atividades de coleta e quebração do babaçu, respeitando a natureza e, assim, contribuindo para a preservação dos babaçuais e de outros recursos naturais. E assim fizeram e fazem as quebradeiras nos arredores do povoado Piaçava, além de buscarem autonomia econômica através do extrativismo e do comércio dos derivados do fruto do babaçu, com destaque para a produção do azeite.

Esse município possui sua paisagem caracterizada pelo cerrado e babaçuais, território que se destaca pela agropecuária, agricultura familiar e extrativismo do coco babaçu como pode ser observado na Figura 14 a seguir.

**Figura 14** - Território dos babaçuais do povoado Piaçava



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2022.

A imagem mostra o território cercado com madeiras e arame. É uma roça de milho onde já foi realizada parte da colheita. Uma vez finalizado o processo de colheita, será feito o plantio de sementes de capim para a formação de pastagens para fins da alimentação de bovinos e equinos reforçando assim as atividades agropecuárias. É possível observar, ainda, que, apesar da expansão da pecuária, há presença de palmeiras do babaçu; no entanto, vale ressaltar que um grande percentual foi destruído no processo de derrubada da vegetação para o cultivo das roças, isso porque quando os “proprietários” das terras realizam tal processo já é objetivando além do plantio das roças o cultivo das pastagens.

Outra questão é que, mesmo depois da plantação do capim, os fazendeiros intensificam ainda mais o processo de derrubada das palmeiras com a alegação de

que as raízes destas prejudicam o desenvolvimento das pastagens e assim o processo de diminuição das palmeiras e conseqüentemente do fruto do babaçu é contínuo e em algumas propriedades elas são completamente extintas.

Ainda assim, em vários povoados desse município, mulheres e homens perpetuam a atividade do extrativismo do coco babaçu, com destaque ao povoado Piaçava, o qual ocupa a condição de distrito municipal pelo fato de ser o maior em número de habitantes e possuir o maior colégio eleitoral. Historicamente, no decorrer das décadas de 1960 a 1990, o extrativismo do coco foi a principal fonte de renda financeira para a subsistência das famílias.

No entanto, os fazendeiros não levam em consideração o fato comprovado de que, nas pastagens onde há presença de muitas palmeiras, o capim tem vida mais longa e permanece verde e propício para a alimentação dos animais por mais tempo. Isso porque as palhas das palmeiras servem de reservatório do sereno da noite ficando este nas palhas e caindo aos poucos mesmo depois do amanhecer e assim é uma forma de um capim ser regado durante o período matutino ficando de certa forma molhado até mais tarde pronto para ser consumido pelo gado e para suportar o sol e o calor do dia.

A partir das memórias e das narrativas das mulheres quebradeiras de coco babaçu, foi possível entender como se deu o uso comum do território dos babaçuais no recorte temporal que foi selecionado, por se tratar de uma trajetória dessas mulheres que contribuíram significativamente para a formação do povoado.

Assim, foi possível compreender as mudanças ocorridas nas atividades do extrativismo do coco babaçu e, conseqüentemente, nos modos de viver, nos costumes e na cultura das/dos moradoras/es do Povoado Piaçava, em especial na vida das mulheres quebradeiras de coco babaçu.

Thompson (1998, p. 304) nos adverte, em sua obra *Costumes em comum*, que “[...] não existe desenvolvimento econômico que não seja ao mesmo tempo desenvolvimento ou mudança de uma cultura”. Por várias décadas, o coco babaçu representou a principal atividade econômica dessa região e de outras localidades brasileiras.

Assim acontece nos modos de viver das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado Piaçava. O “desenvolvimento” da pecuária alterou bruscamente os fazeres dessas quebradeiras, das suas famílias e da comunidade local em geral.

A prática de quebração do coco babaçu, historicamente, vem sendo exercida por mulheres, mas com o advento da pecuária, houve um número representativo de palmeiras extintas durante o processo de derrubadas da floresta para o cultivo das roças.

Isso vem impactando na prática dessa atividade, pois é notório que as mulheres lutam e resistem para manter essa paisagem, principalmente o público que reside na zona rural, que precisa do fruto para subsistência, consumo, comércio e extrativismo e assim a manutenção e preservação da cultura.

Mulheres de outros povoados, cidades e estados também vivenciam as resistências culturais e territoriais dos pecuaristas e fazendeiros, mostrando a articulação política para conter as ações criminosas na destruição do território ecológico dos babaçuais.

Desse modo, o que altera são os costumes, os modos de viver e a cultura das comunidades rurais e tradicionais.

Segue a Figura 15, e nela uma pequena demonstração de uma propriedade onde é possível ver que nessa região de pastagem as palmeiras do babaçu foram totalmente destruídas pelas ações do fazendeiro, ficando apenas as pastagens para alimentação de bovinos. Esses sem o direito da sombra das palmeiras que serviria de abrigo nos momentos de sol forte, prejudicando o bem estar dos animais.

**Figura 15 - Território pecuário**



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2022.

A Figura 15 expressa, ainda, a expansão da pecuária na região do povoado Piaçava Nazaré/TO, o qual se perpetua com a criação de bovinos o que é comum em grande parte do território do Estado do Tocantins.

Estado esse que é conhecido também pela representatividade de comunidades, que compõem um mosaico de diversidade cultural, caracterizado pelas quebradeiras de coco babaçu, com maior abrangência nas zonas rurais, comunidades indígenas e quilombolas, situados no território de transição amazônica, representados pelo cerrado. Nesse contexto, observamos a natureza e os impactos ambientais onde se localizam os babaçuais, situando as memórias e narrativas das mulheres quebradeiras de coco. Para Haesbaert, (2007):

[...] a territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está

intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar (p. 22).

As narrativas das mulheres quebradeiras de coco babaçu demonstram as territorialidade e temporalidades que demarcam as histórias de vida, trabalho, memórias pautadas no uso das palhas das palmeiras do babaçu nas construções das casas, onde as mulheres se reuniam/reúnem para quebrar coco babaçu, como situa a Figura 16.

**Figura 16** - Casa coberta com palhas das palmeiras do babaçu



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2023.

A fotografia é uma demonstração de como eram feitos os barracões para quebrar o coco babaçu nas décadas anteriores; neles, várias mulheres de diversas faixas etárias se reuniam para quebrarem coco babaçu e realizar outras atividades relacionadas ao extrativismo do coco, como, por exemplo, a produção de carvão das cascas dos cocos já quebrados. Era nesse local que as mulheres passavam boa parte do dia, normalmente de segunda feira a sexta feira das 7h até as 17h.

Atualmente, essas casas são construídas no fundo dos quintais das quebradeiras de coco babaçu e em suas roças familiares. As territorialidades que as mulheres estabeleceram/estabelecem, nesse povoado, são resultado das atividades cotidianas e dos deslocamentos na prática do coco babaçu, como Saquet (2009) discorre:

[...] a territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas [...] resultado e determinante do processo de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social, e ao mesmo tempo, as relações de domínios de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações (p. 129).

Assim nos atentamos ao que diz Saquet (2009) a respeito da territorialidade afirmamos que, no território ecológico dos babaçuais, além da coleta e da quebração do coco babaçu as mulheres também faziam e fazem parte do cotidiano do cultivo das roças, dos quintais e tantas outras atividades que sofreram modificações devido ao processo de destruição das florestas dos babaçuais. Isso levou as mulheres a se reinventarem e, assim, continuarem suas práticas de estratificação do coco babaçu mesmo em meio “as relações de domínios” dos fazendeiros.

O mapeamento da região ecológica do babaçu (Figura 11) teve atualização no ano de 2015, com pesquisas das áreas de incidências e ocorrência dos babaçuais. Termo cunhado pelas quebradeiras de coco que estiveram na condução da pesquisa junto com pesquisadores das universidades do Tocantins, Pará, Maranhão e Piauí. Assim, com a pesquisa, foi elaborado e atualizado o mapa que serve como referência na atualidade — referência para as quebradeiras e sua luta política por direitos de coleta do coco babaçu e elaboração da lei do babaçu livre.<sup>4</sup>

De modo geral, é perceptível que a cultura das quebradeiras de coco babaçu é caracterizada pelo dinamismo, sendo ela “[...] uma arena de elementos conflitivos.” (THOMPSON, 1992, p. 17). Nesse contexto, a arena de conflito é situada a partir do crescimento do agronegócio, da pecuária e dos fazendeiros, pois é zona de permanente conflito. Desse modo:

Combinam-se assim a luta pela afirmação da identidade política de quebradeiras de coco em estreita articulação e interdependência da sobrevivência física e cultural. E nessa condição se torna intrínseca a essa luta, a combinação de critérios político-organizativos; econômicos; de

gênero; comunitário e étnico. As variadas formas organizativas resultam de situações que impõem um posicionamento frente às ameaças à sua reprodução enquanto quebradeira de coco. (NOVAES e ARAÚJO, 2016).

As mulheres quebradeiras de coco babaçu vivem em constantes duelos de enfrentamento buscando a manutenção da cultura do grupo político, (NOVAES; ARAÚJO, 2016). No entanto, embora seja comum o conflito da violência física dos fazendeiros para com as quebradeiras de coco babaçu, eles não ocorrem no território dos babaçuais aos arredores do povoado Piaçava, pois as mulheres quebradeiras de coco babaçu deixam claro nas suas narrativas o sentimento de gratidão pelos fazendeiros que permitiam a quebração de coco nas “suas propriedades”.

Maria de Jesus, a dona Nega expressa na sua fala a importância da quebração do coco e a “solidariedade” de um dos fazendeiros “dono” da propriedade onde ela quebrou coco por mais tempo durante o processo de gestação e criação dos filhos e filhas:

Eu criei meus fie porque aprendi a quebrar coco ainda menina, aí quando casei já dava conta de sustentar uma casa com dinheiro de coco. Quando eu tive meus primero fie quebrava coco na mata e ganhava dinheiro que dava pra dá comida, roupa calçado, remédio e otas coisa que precisava pra eles, mas depois que os meninos eram mais e o coco num era mais liberado na mata prar muié quebrar, era porque quase num tinha mais mata, quase todo lugar já era quinta e “tinha dono” aí só podia entrar nas quinta pa juntar coco e quebrar se os dono desse. Aí era assim, tinha uns dono de terra que só dexava a gente quebrar se fosse na meia e ainda só podia vender pra eles mesmo, aí a gente quebrava munto coco mas não dava quase nada de dinheiro porque pa começar só era da gente a metade dos coco quebrado aí vendia pro dono da terra que pagava barato, ainda bem que tinha os que não era ruim assim porque se fosse tudo desse jeito a gente tinha passado era fome junto com os fie porque não tinha muié que desse conta de quebrar coco pá dá de comer pros fie nessa sujeição não. Graças a Deus tinha os dono de terra que era barriga chea, e tinha o coração bom. Aí Deus tocou no coração deles pra deixar a gente quebrar coco só pra nós, tudo que nos quebrava era nosso, a gente vendia na fazenda dele mermo mas pagava do preço que o Joaquim Terto deixava pa pagar. O Joaquim Terto era dono de terra aqui na Piaçava e na Piranha mas e tinha uma casa lá em Tocantinópolis e ficava daqui pra lá e todo fim de semana ele vinha no caminhão da Tobasa pa comprar os coco quebrado que os comprador daqui tinha comprado de nós na semana. Aí chegava dia de sábado com aquele caminhão grandão e muito homi em cima pra carregar os sacos de coco e botar no caminhão. Aí ele pagava pros comprador e eles já ficava com o dinheiro pra pagar nossos coco da semana que ia começar. Tinha vez que ur menino da gente ficava doente e era preciso pegar dinheiro adiantado pra comprar remédio, aí a gente ia quebrar coco pa pagar aquele dinheiro. Aí apertava porque inver de comprar comida e azotas coisa tinha que pagar o que já tava devendo. Mas graças a Deus que tinha os comprador que confiava na gente e pagava os coco antes da gente quebrar. A Ana que comprava os coco que nós

quebrava nas quinta do marido dela fez isso pra mim e pra otas muié muntas veis. Eu era mãe dos meu fie e ela foi como uma mãe pra mim, dou graças a Deus todo dia porque botou ela no mundo e na minha vida pa ajudar criar meur menino. É porque nos morava perto aí ela via minha luta pa criar os fie. Me deu uma quinta, lá era só eu que podia ajuntar coco, quando eu chegava lá com meur menino indo ou voltando dos coco ela já tava com a penelona de leite fervida, café na garrafa, quando era tempo de muito leite tinha requeijão, queijo e doce de leite e dependendo da hora tinha comida feita quente ou fria nas panelas e ela dava de tudo pra nós comer e beber. Lá era mermo que nós ta na nossa casa e nós ia de segunda a sexta. (risos), lá tinha fartura e ninguém era sovino, tudo gostava de dá comida po povo, ar muié e os menino e uzome que ia pa roça. Quase toda muié que tinha munto fie e as que num tinha marido eles dava uma quinta pa cada uma ajuntar coco. As otas quinta ficava par muié que era solteira, não tinha fie ou até que tinha mas que o marido ajudava a sustentar, comprar as coisas. Eu ajudei a ensinar as fia da Ana quebrar coco quando era menina. Quando ficaro mocinha eu levava ela pus adjunto mais eu, (risos), elas gostava (risos), e a Ana vea coitada quebrava coco todo dia mas era só perto de casa, não podia sair porque fazia de comer pros traibaidor que travaiva nas terras deles, e quato hora da tarde tinha que parar pa pesar os nossos coco, ela já esperava ar muié com a garrafa de café, o pacote de fumo o papel e a caixa de fosco na frente do armazém onde ficava a balança, aí era ar muié pesando coco, bebendo café, fumando e dizendo lorata (risos). (Maria de Jesus, Dona Nega)

Desse modo, a narrativa da Dona Nega afirma a existência de uma rede de “solidariedade” existente entre alguns donos de terras e as quebradeiras e ainda a existencia do conflito por parte dessas mesmas mulheres com outros “proprietários” de terras do povoado Piaçava.

Tais conflitos se davam de forma pacífica pois era apenas a nível de disputa, tensão, mas sem a prática da violência física como era comum em outras localidades de territórios de babaçuais no Bico do Papagaio. Assim, as práticas relatadas pela quebradeira de coco são exemplos de como a cultura é um campo de disputas no território (THOMPSON, 1992), do povoado Piaçava onde as mulheres estão lutando pela manutenção da sua vida e da vida das suas famílias como bem pela continuidade da produção de territorialidades. No entanto, há pouco ou quase nenhum conhecimento das mulheres a respeito da existência dos direitos (ainda que estes não estivessem formalizados) ao livre acesso ao território dos babaçuais e às lutas dos movimentos sociais em prol da liberdade das mulheres nos cocais.

## 2.1 O povoado Piaçava

O povoado Piaçava teve sua formação na década de 1950 com o advento do processo migratório de famílias vindas principalmente dos estados do Piauí e do Maranhão. Nesse período, as atividades que garantiam o sustento dessas famílias eram a quebração do coco babaçu, o cultivo da roça de toco, a caça e a pesca. Tais atividades eram praticadas nas terras de uso comum. Esta afirmação se confirma na narrativa da senhora Rita Barbosa, quebradeira de coco de 87 anos de idade, aposentada:

Eu cheguei aqui no dia 7 de novembro de 1953, eu, minha mãe, uma irmã, dois irmãos, e mais um monte de gente, era tanta gente que teve que ficar numas cinco casas onde as pessoas dava abrigo. Nós não tinha nada, mas aqui tinha muita terra e muito babaçu pra quebrar. As terras não tinha um dono, era de todo mundo. Aqui tinha muita gente que veio do Piauí pro Maranhão e do Maranhão pra cá, pro Goiás. Aí o que todo mundo fazia era quebrar coco e botar roça. A gente quebrava coco onde queria, as terras não tinha cerca. Quando ia botar roça ia pra longe porque os animal que o povo veio montado na mudança vivia tudo solto, e tinha gente que criava porco e ninguém fazia cerca, então botava roça mais longe pros bicho não achar as plantação. Não tinha gado mas os burros, jumentos e porcos era tudo criado solto na mata. (Rita Barbosa, julho de 2022).

A quebradeira de coco babaçu Rita Barbosa afirma, nas suas narrativas, que o território dos babaçuais era totalmente de uso comum, tanto para as atividades de extração do coco babaçu como para as atividades agrícolas nos moldes da agricultura familiar, ambas necessárias para a (re) existência das famílias residentes no território. Ao chegarem no povoado, as famílias se abrigavam nas casas de conhecidos ou mesmo desconhecidos; enquanto isso, com ajuda de várias pessoas, faziam suas próprias casas. Estas eram feitas de madeira retiradas das matas com a utilização de ferramentas, como machado, facão e foice. Para a cobertura e as paredes, eram utilizadas palhas das palmeiras de babaçu amarradas com cipó. Havia uma rede de solidariedade que era muito importante para as famílias que chegavam e para a formação do povoado, pois aquelas que já haviam fixado suas moradias abrigavam as que chegavam enquanto faziam suas casas. No entanto, ao mesmo tempo em que as pessoas precisavam construir suas próprias casas, precisavam também quebrar coco babaçu e plantar suas roças. Desse modo, uma das formas de organização era que de segunda a sexta-feira as mulheres quebravam coco e os homens brocavam, derrubavam, plantavam, cuidavam, das

roças (de acordo com o período do ano). No período da colheita do arroz, as mulheres quebravam menos coco porque iam para a as roças ajudar os homens. Nos finais de semana, as famílias faziam mutirões para a construção das casas. Desse modo, Saquet (2009) destaca que a produção de territorialidades ocorre no coletivo de mulheres quebradeiras de coco babaçu:

[...] compreendemos a noção de territorialidade como um processo de relações sociais, tanto econômicas, como políticas e culturais de um indivíduo ou de um grupo social. A territorialidade corresponde às relações sociais e às atividades diárias que os homens (e mulheres) têm com sua natureza exterior. É o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida quotidiana (SAQUET, 2009, p. 8).

O autor apresenta a concepção sobre territorialidades, território, na qual os modos de viver das mulheres quebradeiras compõem o sentido e o significado de territorialidades. Desse modo, a subseção seguinte traz informações sobre as mulheres quebradeiras de coco babaçu e seus saberes culturais, elas que a anos vivem neste território. Também faz parte da sessão a senhora Maria de Jesus, a dona Nega (*in memoriam*), ambas interlocutoras desta pesquisa e que possibilitaram a realização deste trabalho.

## 2.2 Quebradeiras de coco e produção de saberes culturais

Thompson (1992) situa o conceito de cultura a partir do costume e da realidade cultural da sociedade inglesa industrial do século XVIII, onde as pessoas utilizavam os costumes como armas políticas frente à sociedade dominante. No que concerne à cultura das mulheres quebradeiras de coco babaçu, elas representam a resistência frente ao projeto hegemônico capitalista, como destaca Nunes (2021, p. 59):

Nesse sentido, as dinâmicas relacionadas à questão fundiária envolvendo concentração e/ou grilagem de terras, a pecuária extensiva, as derrubadas de palmeiras de babaçu para plantio de pastagens, ameaçam a sobrevivência dos trabalhadores e trabalhadoras agroextrativistas, além da cultura do território. (NUNES, 2021 p. 59).

Sem dúvidas, a pecuária extensiva é a principal ameaça à cultura do babaçu no povoado Piaçava, a qual vem impactando e inviabilizando a prática da coleta e extrativismo do fruto do coco babaçu tanto pela diminuição do fruto devido a devastação das palmeiras quanto do processo de cercamento como é possível ver na Figura 17.

**Figura 17** - Território dos babaçuais transformado em pastagem



Fonte: Arquivo da autora.

Essas constatações são comprovadas nas narrativas das interlocutoras desta pesquisa.

A quebradeira de coco Maria Luiza da Silva Santos nasceu no Estado de Goiás, (atual estado de Tocantins), no município de Tocantinópolis. É aposentada. Há 66 anos mora no território do Povoado Piaçava. Casou-se aos 16 anos de idade e com 17 teve seu primeiro filho. É mãe de quatro filhos, dos quais apenas um vive com ela. Aos 10 anos de idade, começou a quebrar coco na companhia das suas irmãs e com a ajuda da sua mãe. Como as demais filhas de quebradeiras de coco da sua época, rapidamente ela aprendeu a profissão, a qual lhe proporcionou que,

ainda menina, pudesse comprar suas próprias roupas, calçados e demais objetos de uso pessoal.

Além da quebração do coco babaçu, ela também trabalhava na roça. No entanto, a produção era apenas para fins de consumo familiar, não havendo excedente para fins comerciais. Portanto, coco babaçu foi sua única fonte de renda até chegar à idade de poder aposentar-se como produtora rural. Ela, mesmo estando aposentada, continuou quebrando coco para vender até final dos anos 1990. A partir daí, passou a quebrar apenas para tirar leite e azeite. O primeiro apenas para ser utilizado no preparo de comidas para sua família. Já o segundo, além de ser consumido no ambiente familiar, também é comercializado pela quebradeira como forma de complementação da renda da família.

Maria Luiza relata que o cultivo da roça era indispensável, pois se fazia necessário à aquisição de produtos agrícolas, como arroz, milho, abóbora maxixe, melancia, pepino, jerimum, gergelim e outros para complementar o sustento da família. Uma vez que se produziam tais alimentos, com os valores em dinheiro adquiridos através do coco babaçu, era possível comprar objetos de uso pessoal, mobiliários, utensílios domésticos e outros. O que está posto se confirma na narrativa da quebradeira de coco:

Pra me sustentar e criar meus fie eu quebrava coco e travaiva na roça. Tinha que fazer as 2 coisas porque se ficasse só quebrando coco ou trabaindo de roça a gente passava era fome. Aí a gente botava as roças pra ter o arroz pra comer mais os fie, e o milho quando tava verde a gente comia assado, cozinhada, fazia mingau e pamonha. Depois que secava servia pra dar de comer pra galinhas e pros porco. Tinha que ter as criação pra matar pra comer porque o dinheiro não dava pra comprar carne pra comer o tempo todo não. (risos). Aí Nas queimadas (local específico em que se faz amontoados de pedaços de madeiras que sobraram da queimada do território), a gente plantava também abobora pra comer com arroz, até com leite de gado, jerimum que a gente botava de mistura no cozidão, (carne de bovino que contem ossos preparada de caldo para), pepino pra comer com arroz, melancia que a gente comia com arroz e pura também, (risos). Era bom quando a legume (arroz e milho), dava pra alcançar o oto ano, (era suficiente para comer até a próxima colheita), o dinheiro dos coco ficava só pra comprar as coisas. É porque quando tinha que comprar arroz não sobrava pra comprar nada pra gente e nem pra casa. Aí a gente tinha que fazer a roça ou ir panhar nas roças dos outros pra ganhar. Tinha dono de roça que dava na meia, (a pessoa que colhia tinha direito na metade) outros era de três uma, (a pessoa que colhia tinha direito a uma a cada três quantidades iguais), e outros só dava de quanto uma. Aí era melhor a gente ter a rocinha da gente mesmo. (Maria Luiza da Silva Santos).

Assim, o relato da quebradeira de coco Luiza está de acordo com a afirmação de a consciência e os usos costumeiros eram particularmente fortes (THOMPSON 1998), na verdade alguns desses costumes era comum entre todas as mulheres quebradeiras de coco do Povoado Piaçava, município de Nazaré/TO, enquanto outros eram mais praticados pelas mulheres que não possuíam maridos e assumiam sozinhas a responsabilidade pela manutenção das suas casas, o sustento e a educação dos filhos e filhas. Essas mulheres estavam sujeitas às condições impostas pelos proprietários de terras e muitas vezes pelos donos das roças não proprietários, mas que havia adquirido o direito/autorização dos donos para realizar suas lavouras e tendo a certeza de que havia excedente do consumo familiar ou mesmo o risco de perde dos gêneros por retardação da colheita os produtores buscavam parceria principalmente com essas mulheres para poder recolher os alimentos com o mínimo de perdas.

As histórias e os modos de vida das mulheres quebradeiras de coco babaçu, embora tenham suas particularidades, são carregadas de elementos em comum, a exemplo do fato de que, normalmente, estas mulheres possuem apenas um homem como marido durante toda a vida. Tanto as que se separam dos seus companheiros quanto as que ficam viúvas permanecem sozinhas não aceitando outro homem nas suas vidas.

Assim, das oito mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado Piaçava município de Nazaré no Estado de Tocantins, apenas três tiveram mais de um companheiro. A senhora Maria de Jesus, a Dona Nega viveu com o único esposo até o seu falecimento no ano de 2022. A tia Rita casou-se aos 15 anos de idade e ficou viúva ainda muito jovem, com apenas 39 anos de idade, não aceitou mais qualquer que fosse o tipo de relacionamento amoroso. Maria Alves, a Mãe Maria, casou-se jovem e vivo até os dias atuais junto do seu companheiro. Já a Dona Margarida e a Dona Maria Futuro foram deixadas pelos seus companheiros ficando sozinhas com os filhos e filhas ainda crianças e assim elas assumiram a responsabilidade de cria-los/as e educá-los/as sozinhas.

Da mesma forma que fez a tia Rita ao ficar viúva, Dona Margarida e Dona Maria Futuro optaram por permanecer sozinhas, não tendo nenhum tipo de relacionamento amoroso com quem quer que seja. Hoje, elas são idosas e vivem sozinhas nas suas residências pois os filhos e filhas tem vidas independentes. A Dona Socorro de forma precoce passou por um processo de separação com seu

primeiro esposo, ela não teve filhos nem filhas desse relacionamento, casou-se novamente teve duas filhas e viveu com seu esposo até que ele viera a falecer, então Dona socorro, como sua companheira de quebração de coco, a tia Rita, ela também optou por não se relacionar com mais ninguém e assim permanecer sozinha com suas filhas que ao se tornarem adultas se casaram deixando a mãe vivendo sozinha.

Dona Ana casou-se pela primeira vez aos 23 anos de idade e viveu apenas um ano com seu esposo se separando em seguida e sem filhos do relacionamento ficou por um tempo morando com seus irmãos em seguida casou-se novamente e permaneceu casada por 49 anos de idade e veio a separar-se optando por continuar a vida sozinha. Hoje ela é uma idosa de 79 anos de idade e vive com um neto de 30 anos que vive com ela desde os 4 anos de idade. A quebradeira de coco Luiza teve dois filhos do seu primeiro casamento, separou-se e por alguns anos assumiu sozinha a responsabilidade com os filhos, depois de alguns anos ela assumiu um novo relacionamento no permanece até os dias de hoje.

Dessa forma, fica claro que as mulheres quebradeiras de coco interlocutoras desta pesquisa de certa forma seguem aos padrões sociais vigentes no seu grupo social, pois ficou claro que raramente as mulheres ao se separarem ou ficarem viúvas raramente optam por aderirem a um novo relacionamento e ainda que aqueles que ficam sozinhas e sem filhos optaram por se casarem novamente, já as que ficaram sem seus companheiros mas com filhos na grande maioria não aceitaram viver um novo relacionamento tendo como justificativa a não aceitação de ver outro homem praticar qualquer tipo de maus tratos para com seus filhos e/ou filhas como disse a tia Rita:

Eu era nova quando fiquei viúva, foi no dia 12 de dezembro de 1974, eu só tinha 39 (trinta e nove), anos, era nova, dava pra casar de novo, mas eu não quiz porque eu tinha duas filhas, a Dina com 13 (treze), anos e a Irene com 11 (onze), então eu tinha medo de botar um homem dende casa e ele querer judiar com minhas filhas. Então eu fiquei mesmo só, fui quebrar coco e mexer com roça pra nós viver. Elas já tavam grandinhas e já ajudava nos serviços, ia pu coco mais eu, ia pa roça e assim nós fomos se virando trabaindo muito pra da conta de viver. A Dina aprendeu costurar roupas e até ganhava um dierim (dinheiro), com isso. A irene era só do coco mesmo, mas era quebradeira, quebrava até quinze quilos de coco num dia. Nós quebrava coco, botava roça, banhava arroz de mea (meia) nas rocas alea (de terceiros), certo é que desse jeito deu pra nós ir vivendo sem precisar de homi dento de casa. Eu não posso dizer que não tive ajuda de homi, porque eu tive, esses Rosados me ajudaro muito, primeiro eles me ajudaro a me aposentar como viúva e me deram terras pa botar roça, uma quinta

pra nós quebrar coco, essa quinta era só nossa azotas muié não podia pegar os coco de lá eu ainda pude comprar uns gadim com dinheiro de coco e do aposento e criar nas terras deles, tinha também um cavalo que era pra ajuntar coco que ficava também nas quinta deles, era lá mesmo que eu travaiva. Então assim, a ajuda de homi que eu tive, mas pa dizer eu botei homi dendê de casa pa raiar (repreender), com mias fia nunca, porque não ia dár certo, eu nunca ia aceitar isso, então fiquei sozinha com elas mesmo, e assim num foi só eu não, muitas muié do meu tempo fez isso, ficou sem marido porque eles morreram e outras porque largaram, mas nunca mais quisero homi dende casa.

No seu relato, tia Rita esclarece que o motivo pelo qual ela e outras mulheres depois de ficarem sem seus esposos por morte ou separação escolhem permanecer sozinhas com os filhos e/ou filhas é zelando pela integridade destes e/ou destas, pois não admitem que homens que não sejam seus pais venham a praticar qualquer que seja o ato de violência contra eles o/ou elas.

Desse modo, essas mulheres enfrentam todas as dificuldades para sobreviver, sustentar e educar os filhos e/ou filhas sem uma presença masculina ainda que seja uma vida dura de trabalho excessivo. Desse modo fica comprovado que essas mães colocam a integridades dos/as filhos e/ou filhas em primeiro lugar e muitas vezes abdicam seus próprios desejos e/ou necessidades mesmo na certeza de que futuramente irão ficar idosas e sozinhas porque é chegado o tempo em todos/as irão ter uma vida independente fora das casas das suas mães.

Isso é uma prova do amor e cuidado incondicional que as mulheres quebradeiras de coco babaçu residentes no território do povoado Piaçava município de Nazaré no Estado de Tocantins têm pelos seres em frutos dos seus relacionamentos amorosos. Já os esposos que abandonam suas companheiras costumam abandonar também as crianças e somente depois de elas se tornarem pessoas adultas se reaproximam dos pais.

Ela que é conhecida como Rita Barbosa devido ao fato de esse ser sobrenome familiar que ela não possui nos documentos pessoais, é também chamada de Rita viúva por ter ficado viúva ainda jovem e não ter se casado novamente. Tem 88 anos de idade, é aposentada e reside no povoado desde 1953. Veio de Pastos Bons, no estado do Maranhão, com o marido, a mãe, uma irmã e dois irmãos. Ficou viúva com duas filhas e um filho ainda crianças, e foi por meio do comércio/comercialização e da utilização dos derivados do coco babaçu que ela encontrou condições para criar sozinha os filhos. Como tantas outras mulheres quebradeiras de coco, ela também se destacava na atividade da coleta e quebra do

coco babaçu e utilização dos seus derivados na culinária local. Rita Barbosa vive sozinha na sua residência, pois seu filho faleceu ainda adolescente e as filhas se casaram e foram morar em outras localidades. Até os 64 anos de idade, além de praticar a atividade de extrativismo do coco babaçu fazia roças para plantar principalmente arroz e milho, algumas destas atividades ainda são praticadas pela quebradeira de coco babaçu no quintal da sua casa como mostra a Figura 18.

**Figura 18** - Quintal da casa da quebradeira Rita



Fonte: Arquivo da autora.

Assim é o quintal da tia Rita aos 88 anos de idade; o fato é que ela paga um vizinho para realizar o serviço da capina do mato<sup>5</sup> e muitas para abrir as covas para o plantio de banana macaxeira e outros, mas o processo de plantio é feito por ela.

A Dona Margarida, também interlocutora desta pesquisa, tem vida semelhante às das demais quebradeiras de coco babaçu, desse modo sua história de reforça muito do que foi dito até aqui, ela que tem 72 anos de idade, nascida do estado do Maranhão, morou próximo ao povoado Olho D'agua município de Luzinópolis no Estado de Tocantins, mas que naquela época pertencia à cidade de

---

<sup>5</sup> Processo de realização do corte do mato com o uso de fação e/ou enxada.

Tocantinópolis Estado de Goiás. Ela conta dos desafios enfrentados durante sua vida, pois perdeu sua mãe ainda criança ficando aos cuidados do seu pai, então ainda menina ela começou a quebrar coco e foi exercendo essa profissão que Dona Margarida conseguiu seu sustento enquanto moça solteira e continuou na atividade para sustentar sua família e a exerceu depois de idosa até o momento em que suas condições de saúde já não permitiram mais.

O que aqui está posto se confirma no relato da quebradeira de coco babaçu:

Quando a mamãe faleceu eu só tinha 3 anos. Eu fiquei com meu pai, depois de um tempo nós viemos do maranhão pra cá pro Goiás, ficamos morando ali perto do Olho D'água, que agora é município de Luzinópolis. Quando eu casei em mudei pra cá pra Piaçava, meu marido trabalhava de vaqueiro, eu quebrava coco e nós também botava roça. Quando já tinha sete filhos nos separamos. Eles era tudo pequeno. Eu fiquei sozinha criando tudim e era só com dinheiro de coco. Sofri muito, trabalhei demais, mas eu gostava de quebrar coco pra vender, tirar azeite pra comer e pra fazer sabão, tirava o leite de coco babaçu pra comer com carne de caça, de galinha e também pra comer com farinha de mandioca. Só dei conta de criar meus filhos porque naquele tempo aqui tinha muito coco pra quebrar e tinha dono de terra que me dava pra mim quebrar só pra mim, não tinha que dividir com ele. O trabalho era pesado, mas era bom. A gente ficava o dia quebrando coco com as companheiras, a gente trabalhava, mas também se divertia porque contava muitas histórias, cantava, dizia versas. Era bom demais. (Margarida Bispo de Carvalho).

A narrativa da quebradeira de coco Margarida destaca a importância sociocultural que a prática de cultivar a coleta e quebra do coco babaçu tem na e para a vida das quebradeiras. Ela fala das dificuldades enfrentadas, mas também da satisfação em que esta atividade lhe causava ao executá-la juntamente com suas companheiras de trabalho. Ela é mãe de sete filhos e uma filha, todos do seu primeiro e único esposo do qual se separou muito precocemente, ficando sozinha a cargo do sustento e da educação dos 6 filhos homens e da filha mulher. (ter um único esposo é um padrão cultural das mulheres da roça).

Margarida é uma mulher que possui estatura corporal semelhante à de uma menina de 9 a 12 anos de idade, tanto que, quem não conhece sua resistência física, de fato acredita que ela é frágil e que tem pouca resistência muscular.

No entanto, no decorrer das décadas de 1970 a 1990, esteve entre as mulheres que mais se destacaram na atividade do extrativismo do babaçu no povoado, tanto no que se refere às atividades de coleta como à quantidade de amêndoas que ela extrai por dia, e também no quesito assiduidade nas atividades em questão. Margarida não costuma faltar ao trabalho, deixando de marcar

presença no território dos babaçuais apenas nos casos extremos. Ela também foi destaque por inúmeras vezes na escola em que seus filhos e sua filha estudaram por ser a mãe mais presente no acompanhamento da vida escolar deles.

A quebradeira de coco Maria Alves, mãe de cinco filhos e seis filhas. Além deles, criou também o primogênito do seu filho mais velho.

Nas suas narrativas, ela afirma que a quebração do coco babaçu foi sua única fonte de renda financeira desde a infância até a idade de aposentar-se como produtora rural. Conta com satisfação que ainda criança conseguiu comprar um par de sapatos com o dinheiro adquirido através da sua própria persistência na difícil tarefa de aprender a manusear o machado e o cacete para conseguir quebrar coco.

Apesar de todo esforço, a conquista e a alegria de poder comprar os sapatos não duraram muito, pois ela só pôde calçá-los uma vez porque perdera um dos pés. Isso lhe causou tristeza, levando a menina a chorar muito. Felizmente, sua mãe lhe deu outros sapatos e assim ela levantou sua autoestima para continuar a vida com alegria e disposição no território dos babaçuais.

Conta com detalhes sobre os avanços alcançados durante o período em que estava aprendendo a quebrar coco. Demonstra entusiasmo ao dizer que, quando começou, quebrava uma pequena quantidade, mas que evoluiu em pouco tempo.

Eu comecei a quebrar coco, eu tinha 7 anos de idade. Aí comecei quebrando 1 litro, (500mg), depois quebrava 2 litros que era 1 kg, depois 3 litros, e fui juntando até que deu pra comprar um sapato. Calcei uma vez e perdi um pé (um dos sapatos do par), (risos), aí eu fui chorar. (risos). Aí depois a minha mãe foi e comprou outro. Aí eu já fiquei animada. [...] Vivida de quebrar coco. Só arrumava um dinheiro quando quebrava coco. Estudar eu estudei bem poquim, quando eu fiz a 3ª série (o mesmo que 4º ano do ensino fundamental) meu pai já disse que já tava bom, não precisava estudar mais do que aquilo não pra não aprender fazer carta pra namorado. (risos). (Maria Alves de Araújo).

Na narrativa da quebradeira de coco, fica evidente que seu pai era detentor do poder familiar e que não levava em consideração os desejos que ela tinha de estudar, pois lamenta o fato de não ter ido além da 3ª série (o mesmo 4º ano do ensino fundamental), porque o seu pai não permitiu; na sua concepção, mulher não podia estudar muito para não aprender a escrever cartas para namorados.

Casou-se muito jovem, sequer era maior de idade. Em um intervalo de tempo de 20 anos, deu à luz as filhas e aos filhos. Diz que a vida de esposa, mãe,

quebradeira de coco e trabalhadora de roça era de inquietações e que muitas das vezes chegara a pensar que vivia uma vida infeliz.

No entanto, ela afirma que hoje reconhece que mesmo diante das dificuldades enfrentadas na sua trajetória de vida, na árdua tarefa de cumprir com uma demanda exorbitante de atribuições, considera que a vida era mais prazerosa do que hoje. Isso porque gostava da interação com as companheiras da lida.

Casei com 17 anos, e aí com 18 anos tive meu primeiro fie. Quando tive a caçula tava com 38 ano. Mas minha profissão mesmo foi essa, quebrando coco, quebrando coco pra criar os fie. Trabaiano de roça, sofrendo aí na roça, no coco. Mas era tão bom. Hoje a gente se acha numa condição financeira melhor, mas não é tão feliz como naquele tempo. Naquele tempo a gente sofria muito trabaiano, só tinha umas duas mudas de roupa e achava que não era feliz, mas era. A gente era mais nova, dava conta de fazer toda coisa. Era bom, as companhia, muita gente, as vizinhas, as pessoas igual a gente. Se ajuntava nos adjunto, era aquela alegria, conversa vai conversa vem. E hoje não tem mais isso aqui pra nós. Naqueles tempos a gente se alegrava com as outras nos adjuntos, nas roças. Sofria muito, mas aguentava (risos). Quantos adjuntos a gente ia na mata, as mué tudo alegre, cantando, dizendo lorota. (o mesmo que falar coisas engraçadas, que causava alegria para o grupo). Cantava reis. Era bom demais. Hoje é tudo diferente, a gente quase não se ver mais e quando vai na casa de uma pessoa conversa pouco, fica mais no celular, na televisão. Ninguém mais tem tempo pra conversar como nos tempos que a gente trabaia no coco, na roça, lavava roupa na fonte. Aí era animado a gente ia fazendo as coisas e conversando, era divertido. (Maria Alves de Araújo).

Na narrativa da senhora Maria Alves, é notável a importância da interação com as companheiras de trabalho. A relação existente entre o grupo das mulheres quebradeiras de coco babaçu era de amizade e companheirismo, afinidade, ajuda mútua, respeito e confiança.

Nos anos 1970 e 1980, era comum as mulheres ensinarem os filhos e as filhas a quebrar coco a partir dos 7 anos de idade. Dessa forma, as crianças começavam a trabalhar e ganhar o próprio dinheiro que normalmente servia para comprar roupas calçados e outros objetos de uso pessoal. Além de comprar alimentos como bolachas, pirulitos, balas, geladinhos e outros, principalmente para saborear nos horários de recreio escolar.

Meus fie tudo aprenderam quebrar coco, os home e ar muié, porque naqueles tempo a gente vivia era do coco. Quando faltava um mês pra começar as aula já ajuntava os coco pra botar um adjunto pra ir comprar os material dos menino levar pra escola. Um caderno, caneta, lápis, borracha e 1 tabuada é um sistema utilizado na matemática que reúne os múltiplos e divisores dos números de maneira organizada. Ela auxilia nas diversas

operações da matemática (adição, subtração, multiplicação e divisão), facilitando assim os cálculos. E um ABC livro usado pelas professoras e pelos professores para ensinar as crianças a ler. Um calçado uma roupa. Aí quando começava as aulas pegava o caderno botava no saco de plástico, os sacos que a gente comprava com açúcar. Botava o tamborete assento quadrado ou redondo, sem encosto e braços, feito de madeiras e couro bovino fixado com pregos na cabeça e ia pra escola, porque na escola não tinha assento, cada um levava seu tamborete (Maria Alves de Araújo).

Na sua fala, fica claro que umas das suas prioridades eram manter as crianças na escola. No entanto, para que isso fosse possível, ambos enfrentavam inúmeras dificuldades. Isso porque além da carga de trabalho em excesso que dona Maria enfrentava de forma precoce as crianças também começavam a quebrar coco e trabalhar na roça. Além do mais, até meados dos anos 1980, a escola pública era extremamente precária. Esta funcionava em casa/barracão cedido por pessoas solidárias. Não tinha assento para as crianças, portanto, todos os dias as/os estudantes tinham que levar de suas casas a própria cadeira. A mãe escolhia aqueles menos pesados para as crianças menores. Isso porque estas eram feitas de madeira e couro bovino. Assim, o seu peso dependia do tipo de madeira e do tempo que fora cortada.

Já não é mais comum a existência de cadeiras como a descrita acima no território de piaçava, mas nas casas das quebradeiras de coco interlocutoras dessa pesquisa ainda é possível encontrá-las, como mostra a figura (Figura 19), que é de propriedade da senhora Rita Barbosa.

**Figura 19 - Tamborete**

Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2022.

A mãe Maria lamenta não poder mais quebrar coco pois é uma atividade que as mulheres quebradeiras afirmam que gostavam/gostam de fazer em seus depoimentos elas afirmam que só deixaram de praticar por questões de saúde. A narrada a seguir evidencia o que foi dito aqui:

Ainda hoje eu tenho vontade de quebrar coco, tirar meus azeite. Mas hoje eu não posso mais quebrar porque não sou sadia. Tenho problema de osteoporose nas minhas perna. Não posso nem sentar direito pra quebrar coco. Mas tenho vontade ainda. Eu tenho saudade de quebrar meus coco, me interter (entreter). Se ainda fosse naquele tempo assim, que a gente botava os adjunto. Assim pra interter, conversar mais as minhas amiga. Interter o tempo. Mas aí hoje eu não posso mais. Porque eu não posso cortar um dedo, arranhar (o mesmo que escoriar, produzir ferimento) nada e nem entrar no mato porque os ispim (o mesmo que espinhos órgão axial ou apendicular, duro e pontiagudo como os encontrados na laranjeira) fura as pernas. Por causa do problema da diabetes, a glicemia em mim tem dia que ta muito alta. Mas é assim mesmo, pra tudo tem o tempo. (Maria Alves de Araújo).

Maria Futuro migrou do Estado do Maranhão, mais precisamente do município de Paraíso, para o município de Nazaré no Estado de Tocantins no início da década de 1990. Veio com seu esposo e cinco crianças, sendo três filhas e dois filhos. Com ajuda da sua madrinha de batismo, ela começou a quebrar coco ainda criança no Estado do Maranhão.

Eu era criança ainda quando comecei a sair pra quebrar coco coma minha madrinha. Eu lembro que ela me ajudava partindo os coco pra mim. Aí fui quebrando, quebrando até que aprendi. Passei um tempo sem quebrar coco mas voltei a quebrar de novo. (Maria Raimunda Conceição Pinto).

Através da narrativa da quebradeira de coco, é possível constatar que, assim como as demais interlocutoras dessa pesquisa, ela também começou a quebrar durante o período da sua infância. Outro fator em comum com a demais é a demonstração do sentimento de gratidão que as mulheres têm para com aquelas pessoas que as ensinaram a atividade da quebração do coco babaçu.

Dona Maria conta que ainda no estado do Maranhão houve um período em que ela teve que quebrar coco de meia para um familiar do seu esposo que era dono das terras e não permitia que a quebradeiras tivessem acesso livre aos babaçuais:

Eu quebrava coco para ajudar nas despesas da casa. Aí eu quebrava na quinta do meu cunhado. Era de meia porque ele não dava pra gente quebrar só pra gente não. Era ruim, porque a quebrava e ficava só com a metade, a outra era pra ele. Mas o jeito que tinha era ir porque a gente precisava aí não tinha jeito, tinha que ir assim mesmo. (Maria Raimunda Conceição Pinto).

As dificuldades enfrentadas pela quebradeira de coco não eram diferentes de tantas outras. A condição de submissão em que viviam as mulheres se confirma na sua narrativa.

Ao mudar-se com sua família do Maranhão para o Tocantins, fixaram residência no Riacho do Meio que fica a cerca de 7km do povoado Piaçava. No geral, o território do município de Nazaré é composto tanto por terrenos com babaçu em abundância como pelo cerrado. Assim, o riacho do meio faz parte do território do cerrado. Tal fato dificultou as atividades da quebradeira de coco, visto que ela precisava andar cerca de 7 a 10km para chegar ao território dos babaçuais. Outro entrave era a distância que as quatro crianças em idade escolar tinham que caminhar até a escola do distrito de Piaçava.

Diante das dificuldades, ela chegou à conclusão de que continuar ali era inviável para sua família, pois, além da inviabilidade do acesso à escola, ela também não conseguia exercer a atividade de quebrar coco para fins comerciais, mas apenas para tirar azeite para o consumo domiciliar. Desse modo, tomou a decisão de mudar-se com sua família para o território de Piaçava.

Eu fui pensar, e disse pro Antônio: vamos embora daqui lá pra Piaçava, porque aqui não vai da certo pra esses meninos estudar e nem pra mim trabalhar. Aí ele concordou. Nós mudemo pra Piaçava, aí ficou melhor, os meninos morando perto da escola e eu perto dos coco. (risos). Aí eu passei a quebrar coco pra vender e arrumar o dinheiro de comprar as coisas. Porque quando nós morava no Riacho do Meio eu só quebrava pra tirar azeite. Aí aqui logo comei a quebrar de adjunto mas as muié. Aí era bom demais, aquela turmona, todo mundo junto, conversando, alegre, (risos). Eu sinto saudade, se pudesse ainda hoje quebrava coco, sinto falta. Só não quebro até hoje por causa da coluna. Mas eu já pensei que se achasse um jeito de botar um machado numa altura que eu pudesse quebrar em pé eu ainda ia quebrar, (risos). (Maria Raimunda Conceição Pinto).

Narrativas como a da dona Maria comprovam que a atividade de quebração do coco babaçu pelas mulheres do território de Piaçava significam muito mais do que a necessidade de ganhar dinheiro para o sustento das suas famílias, mas que fizeram e fazem parte dos seus modos de viver, e estão intimamente ligadas a suas relações socioculturais.

Desde a formação do povoado Piaçava, na década de 1950, as mulheres quebradeiras desenvolvem a prática cultural de (re) existência através da coleta e do extrativismo do coco babaçu nas terras de uso comum, constituindo-se, até os anos 1990, como a principal fonte de renda da população local. Da palmeira do coco babaçu as mulheres extraem parte do sustento das suas famílias, sendo este complementado com alimentos produzidos nas roças de toco e nos arredores de suas casas. No entanto, com a expansão das atividades agropecuárias a partir dos anos 1990, apenas parte do território dos babaçuais nessa localidade continuam sendo uso dos comuns das quebradeiras. Este, além de reduzido, estava carregado de restrições/exigências feitas pelos agora “proprietários” das terras.

No entanto, [...] é preciso reconhecer que, nas relações entre fazendeiros e [...] [quebradeiras] aspectos de [...] [intimidação moral] e deferência assim como de lealdade e astúcia encontravam-se imbricados nas realidades vividas. (OLIVIA, 2010, p. 74).

Ainda assim, a coleta e o extrativismo do babaçu permaneciam como atividade de referência com a presença significativa de mulheres desenvolvendo essa prática. Até a década de 1970, o território dos babaçuais aos arredores do povoado era bastante preservado, pois nele era praticada apenas as atividades do extrativismo e o corte das árvores mais finas da floresta feitas de forma manual, com o uso da foice do coco babaçu e a retirada de palhas das palmeiras para construções de casas e dos olhos de palhas para a fabricação de cofos, esteiras, abanos e outros artefatos. É notável que a partir dos anos de 1980 há grande redução da oferta do fruto do babaçu, pois a derrubada recorrente das palmeiras provoca diminuição do fruto.

A formação habitacional do povoado Piaçava teve um crescimento significativo no decorrer da década de 1950 com o advento do processo migratório de inúmeras famílias vindas dos estados do Maranhão e do Piauí para o norte de Goiás. Esses imigrantes preservavam suas culturas construídas ao longo de suas vidas e muitas vezes faziam as adequações necessárias de acordo com práticas, costumes e condições oferecidas no novo território no qual estavam inseridos. Isso porque, embora houvesse semelhanças nos costumes das pessoas do norte de Goiás, dos/as maranhenses e piauienses que migraram para do território de Piaçava, também havia muitas particularidades culturais de acordo com cada estado e região. Dessa forma, a cultura local foi sendo construída ao longo dos anos levando em consideração os diferentes costumes, tanto no que diz respeito às questões religiosas, às manifestações culturais e à forma de organização do trabalho. Assim, a cultura e os costumes das famílias goianas, maranhenses e piauienses tiveram igual importância na formação sociocultural do território.

### **2.3 Histórias de vida e produção de territorialidades**

Esta subseção evidencia histórias de vida e produção de territorialidades das mulheres quebradeiras de coco babaçu no território de Piaçava município de Nazaré/TO, no decorrer das décadas de 1970 a 2000.

Vale destacar que, no território dos babaçuais do povoado Piaçava a continuidade de territorialidades passou por diversas mudanças; no entanto, se manteve presente nas vidas das quebradeiras e da comunidade local em geral. A

partir dos anos 2000, as descontinuidades passam a tingir os modos de viver do grupo.

A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo e de grupos distintos. Há continuidade e descontinuidade no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão-lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar (SAQUET, 2009, p. 88).

Assim sendo (SAQUET, 2009), os fenômenos que ocorrem na vida social de um grupo ou de uma sociedade, afirmam que a produção de territorialidades nas décadas de 1950 a 1990 contribuiu significativamente para a formação da identidade do grupo de mulheres extrativistas do coco babaçu.

No entanto, devido ao crescimento desenfreado da destruição das palmeiras do coco babaçu, a partir dos anos 2000, impossibilitou que muitas das mulheres continuassem praticando o extrativismo desse recurso natural. Pois a diminuição da oferta do coco (fruto da palmeira do babaçu) já não atendia a demanda das quebradeiras causando assim a descontinuidade de territorialidades no coletivo de mulheres, desencadeando mudanças nos modos de viver dessas e das famílias de modo geral.

Dos anos de 1950 a 1960, a dinâmica de coleta e quebra do coco babaçu se dava no território de mata virgem (território que possui sua vegetação totalmente preservada).

**Figura 20 - Território de mata virgem**



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2022.

O território aos arredores do Povoado Piaçava era formado por matas virgens como mostra a Figura 20. Durante o período, a dinâmica de coleta e quebra do coco babaçu era realizada pelas mulheres organizadas em grupos formados por 2 a 5 quebradeiras. Elas se deslocavam das suas casas até o território dos babaçuais em grupos maiores; no entanto, ao chegarem neste local, dividiam-se para facilitar o processo da quebração do coco. A expressão “quebrar coco” é utilizada pelas mulheres quebradeiras e significa pegar o coco com uma das mãos, colocá-lo sobre o machado e com a outra mão usar um cacete (pedaço de madeira roliça que tem forma de rolo), de mais ou menos 30cm de comprimento e com espessura que seja possível de segurar com uma mão, para batê-lo em cima do coco até que este se parta ao meio. Em seguida, as quebradeiras vão cortando as bandas do coco em talhadas para assim retirar as amêndoas como mostra a Figura 21.

**Figura 21 - Coco sendo quebrado**

Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2022.

O mais comum é que elas juntassem os cocos, pois ao cair eles se espalham no chão debaixo das palmeiras, para serem quebrados debaixo ou próximo da própria palmeira. De acordo com a quantidade de coco debaixo de cada palmeira e a quantidade de mulheres, elas juntavam apenas de uma ou de várias. Ao terminar a coleta, sentavam-se ao redor do monte de coco para quebrá-los. Quando terminavam, saíam pela mata em busca de mais cocos e assim faziam até por volta das 16h30min ou 17h. Essa era a dinâmica de trabalho das quebradeiras que se repetia de segunda a sexta-feira.

**Figura 22 - Mulher quebrando coco**



Fonte: arquivo da autora.

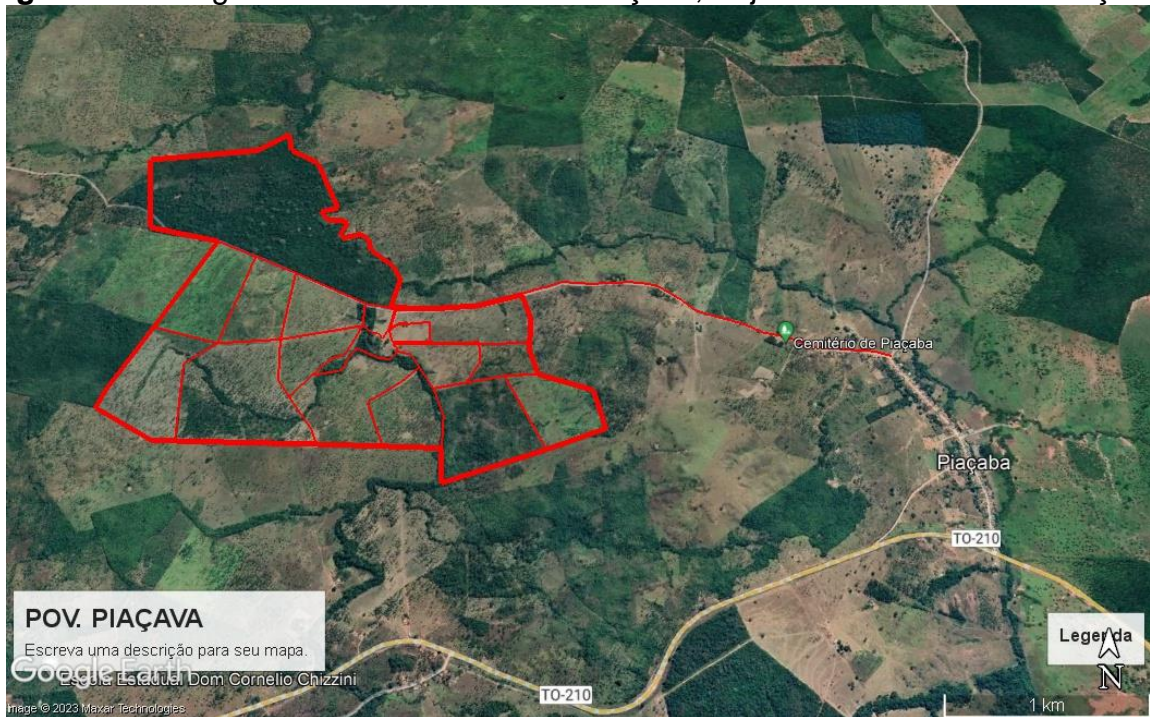
A quebradeira de coco Maria de Jesus (dona Nega) diz com detalhes sobre a dinâmica de trabalho adotado pelas mulheres desde o momento em que estas saiam das suas casas para o território dos babaçuais onde faziam a coleta e a quebração do coco:

Era assim: as muié que morava lá em cima, (que moravam na mesma rua, porém mais distante da saída para o território dos babaçuais), saiam de casa e ia passando pelas casas das outras e chamando pra ir pro coco. Quando chegava no fim da rua já era uma turma grande de muié. Aí nós descia tudo junta. Era animado: nós conversava, ria, outras cantava, dizia brincadeiras umas com as outras. (risos). Quando tava todo mundo alegre era bom demais todo mundo se divertia. Até quando a gente tava triste com algum problema era bom porque tinha com quem conversar. Nós contava os problemas umas pra outras. Todo mundo tinha as amiga de desabafar, aquelas que escutava e dava um conselho, uma palavra amiga. Era assim. Aí quando chegava lá no lugar de catar os coco pra quebrar, nós se dividia porque se fosse de muita tinha que juntar muito coco pra poder começar a quebrar, porque se juntasse pouco na mesma hora acabava e a gente tinha que se levantar na mesma hora e sair caçando mais coco. (NEGA).

Para melhor esclarecer a narrativa da quebradeira de coco, trazemos aqui a imagem de satélite a qual traz o povoado Piaçava (Figura 23), o território dos

babaçuais, (demarcado de vermelho). Esta mostra também o trajeto que as mulheres faziam desde a saída das suas casas o momento em que estas adentram o território dos babaçuais. (linha na cor vermelha da saída do povoada até a chegada no território).

**Figura 23** - Imagem de satélite: Povoado Piaçava, trajeto e território dos babaçuais



Fonte: Google Earth.

As demarcações em linhas vermelhas representam o cercamento feito com estacas e arames dos tipos liso ou farpado, realizado pelos fazendeiros.

**Figura 24** - Quebradeiras de coco chegando no território dos babaçuais



Fonte: <https://especial.reporterbrasil.org.br/comunidadestradicionais/quebradeiras-decocobabacu/>

Ao chegarem no território dos babaçuais, as mulheres andavam em fila pelos carreiros (caminhos estreitos), ou mesmo dentro do território de pastagem ou na mata virgem. Cada uma com suas particularidades na forma de carregar suas ferramentas de trabalho, (cofo, machado e cacete). Há as que preferiam carregar o cofo na cabeça enquanto outras preferiam colocar um pedaço de couro, barbante ou cipó amarrados no cofo para, assim, poderem colocar nele o cabo do machado e posicionar no ombro, ficando, assim, o cofo pendurado nas costas como mostra a Figura 24.

### **3 A SAGA NO BABAÇUAL: MODOS DE VIVER DAS MULHERES QUEBRADEIRAS DE BABAÇU DE PIAÇAVA (O TERRITÓRIO DOS BABAÇUAIS)**

A presente seção tem por objetivo descrever os modos de viver das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado Piaçava município de Nazaré/TO.

É importante destacar que o território dos babaçuais era de uso comum da população em geral e que o extrativismo deste recurso natural era realizado principalmente pelas mulheres.

O território ecológico dos babaçuais foi extremamente importante para a formação do povoado na década de 1950. Pois sendo o coco babaçu a principal fonte de renda econômica, também os derivados deste tiveram um papel significativo na culinária local. Uma vez que tanto as famílias goianas que já habitavam o território como aquelas vindas de outros estados na década de 1950, utilizavam dos babaçuais como fonte de renda econômica.

Assim, a utilização das palmeiras e do coco babaçu foi relevante para que os/as imigrantes de forma geral fixassem residências e permanecessem no território. Já que os talos e as palhas das palmeiras eram utilizados juntos com outros recursos da vegetação para a construção das moradias e, ainda, para a fabricação de camas, jiraus e diversos artefatos necessários no dia a dia das famílias.

O caule das palmeiras que eram cortadas — ou mesmo que caíam de forma natural com o passar do tempo — se tornavam adubos orgânicos ricos em nutrientes para ser utilizados na plantação de hortaliças. A amêndoa tanto era comercializada para obtenção do dinheiro como era utilizada para a obtenção de azeite e leite para serem utilizados em diversos pratos da culinária local.

O território era de uso comum tanto para a construção das moradias como para a prática da coleta e extrativismo do coco, e ainda para o cultivo de roças e atividades como a pesca e a caça.

### **3.1. Lutando pela região ecológica dos Babaçuais na dinâmica do processo de desenvolvimento na década de 1990**

A partir das narrativas das mulheres quebradeiras de coco babaçu, é possível perceber que, desde a década de 1940, estas já viviam o desafio de lutar pela preservação dos babaçuais no território. Isso porque as palmeiras do coco babaçu já eram derrubadas e queimadas para o cultivo da roça de toco, ainda que em pequena quantidade por ser tratar de um tipo de trabalho totalmente braçal com uso de ferramentas como o machado; para finalizar, os homens se utilizavam da técnica do fogo. Assim, as quebradeiras de coco que também conheciam e praticavam algumas das atividades de preparação do solo para o plantio das roças, faziam o possível para a preservação das palmeiras do coco babaçu, no entanto suas vozes não eram ouvidas.

Ainda assim, estas, muitas das vezes, andavam pelas matas que seriam devastadas para a preparação do solo e com seus machados e facões cutilavam o caule das palmeiras para que estas ficassem marcadas na tentativa de impedir que fossem cortadas pelos trabalhadores no processo de derrubadas da florestas. O critério principal para a escolha era aquelas palmeiras em que produziam cocos com o bago mais grosso, o chamado coco bom, ou seja, que possuíam as amêndoas mais robustas.

Dessa forma, as mulheres reinventavam suas formas de defesa dos babaçuais de acordo com as mudanças feitas pelos homens trabalhadores rurais praticantes da agricultura familiar. E, assim, as mulheres se utilizam de várias formas de defesa do território ecológico dos babaçuais em vários períodos do cultivo dos agricultores e das próprias agricultoras sendo elas as próprias quebradeiras de coco babaçu.

No entanto, a década de 1990 foi marcada pelos desafios e pelas lutas das mulheres contra o brusco avanço da destruição dos babaçuais tanto nas matas virgens como nos territórios onde já havia sido feitas pastagens para a criação de gado. Período em que já era perceptível a redução das palmeiras; porém, com o grande avanço nas derrubadas facilitadas pela utilização da motosserra, as mulheres tiveram que criar novas estratégias, unir forças e intensificar suas lutas na tentativa de impedir a destruição em massa dos babaçuais.

As mulheres não obtiveram sucesso nas lutas pela preservação das palmeiras do coco babaçu. Isso porque para que estas mulheres tivessem seu objetivo alcançado dependia da flexibilidade, compreensão e respeito dos proprietários das terras. Pois alguns abriam espaço para o diálogo com as quebradeiras enquanto outros agiam como verdadeiros coronéis, derrubando por terra qualquer chance que fosse de as mulheres terem êxito nas suas lutas. Dessa forma, a devastação dos babaçuais avançava mais e mais a cada ano. Em algumas propriedades, de forma totalmente desordenada, isso porque as mulheres não tinham vez nem voz para ao menos moderar o processo devastador. Em outras propriedades, não deixava de haver avanços, porém de forma um pouco mais moderada porque havia diálogo entre os proprietários de terras e as mulheres quebradeiras de coco.

O que está posto se confirma nas narrativas da quebradeira de 77 anos de idade, que, na década de 1990, era esposa de um senhor que possuía cerca de 53 alqueires de terras dividido em pastagens, capoeiras e mata virgem.

O que dava raiva é porque eu era casada com ele, tudo era de nós dois, eu sabia que a metade de tudo era meu se nós se largasse, mas ele fazia o que queria nas quintas, na capoeira e na mata. Derrubava muitas palmeiras, toda vida derrubou. No tempo do machado derruba menos mas depois do motor serra aí botou foi pra acabar com tudo. Eu nunca quis que derrubasse porque tinha os gado, mas dinheiro de gado nunca serviu pra comprar nada pra dentro de casa, nem pra vestir e calçar e comprar os cadernos nossas meninas ir pra escola. Isso tudo eu só fazia com dinheiro dos coco. Naquele tempo tudo que tinha dentro de casa era comprado com dinheiro de coco, até o fogão a gás, a cama de dormir, tudo mesmo. E isso é porque não era nem todo dia que eu podia quebrar coco o dia todo. Porque eu tinha que cozinhar pra trabalhador quando era tempo de brocar ou derrubar roça e no tempo de roçar as quintas também. Era pesado, tinha que carregar água da ribeirão da Piranha pra cozinhar, molhar as plantas, pra fazer toda coisa e ainda buscava no ribeirão da Piaçava pra todo beber porque a agua era melhor pra beber, só que o ribeirão era longe. Mas o que era pior mesmo era ver eles derrubando os pé de coco, porque eu sabia que todo ano ficava mais difícil pra nos ajuntar os coco e quebrar pra ganhar nosso dinheiro. Eu achava ruim demais. Tinha muitas muié que vinha de longe, do Brejim do grotão do Sabino, do Grotão do Gregório, da Piaçava, das capoeiras, tudo lugar longe pra quebrar coco. Aí antes de derrubar muito pé elas andava pouco dentro das quintas e já dava pra ajuntar coco que desse pra quebrar o dia todo e de tardinha vinha lá em casa pra pesar e vender. Era bom demais. Todo dia eu enchia a garrafa de café e as panelas de leite fervido pra elas beber. Gostava de fazer queijo e requeijão pra elas comer a vontade. Eu sabia que naquela hora já tava tudo com fome. Todo mundo levantava de madrugada pra deixar as coisas ajeitadas pros fie que ficava em casa pra ir pra escola e passava o dia comendo as comidas fria que tinha sido feito em casa ainda de madrugada. Era bom demais. Tinha dia que juntava 10, 30 50 até 80 mulher pra pesar os coco quebrado. Era muito animado. Contava histórias, cantava, ria... (risos). Só não era melhor porque eu não podia proibir que os homens der os conqueiros. Dava raiva porque

era dentro das terras que era minha e eu não podia fazer nada. E ainda tinha umas amigas que também era casada com dono de terra que sofria mais do eu. Aqui na nossas terras nos podia marcar os conqueiros que não podia derrubar de jeito nem um por os coco era bom demais aí eles deixava em pé e outros homens marido das muié mandava derrubar era tudo de qualquer jeito. (ANA).

É possível perceber, na narrativa da quebradeira Ana, que, apesar de ela ser proprietária legítima de 50% do território que era do seu esposo, sua voz de mulher quebradeira de coco não era levada em consideração quando se tratava da preservação das palmeiras dentro do território. Na sua opinião, não poderia derrubar. Era a favor de 100% das palmeiras preservadas.

De acordo com a sua narrativa, era através do extrativismo do coco babaçu que a sua casa havia sido mobiliada, suas filhas vestidas e calçadas e munidas dos materiais necessários para se manterem na escola que estava localizada no povoado Piaçava a 5km da sua residência na propriedade rural.

Com a derrubada das palmeiras, a diminuição da oferta de coco babaçu era incalculável. Isso porque a redução dos cachos não se dava somente com o advento do corte das palmeiras. Ficando suas palhas, concas, cachos, mangaras e tudo que fazia parte do olho da palmeira, por cerca de dois a três meses depois de terem sido cortadas, estavam totalmente propícia ao fogo, os proprietários das terras faziam o processo de queimada e isso atingia as palmeiras não cortadas vivas e queimava seus cachos. Assim os cocos murchavam devido ao calor do fogo e caíam bem antes do período de maturação.

### **3.2 As práticas do comum e do adjunto enquanto formas de luta e resistência das mulheres quebradeiras de babaçu de piaçava**

No decorrer das décadas de 1970 a 1990, a prática do adjunto teve grande destaque entre as mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado Piaçava. Tal prática consiste em grupo de mulheres cultuando a prática da quebra do fruto do babaçu no mesmo dia, em um mesmo lugar, e para uma única mulher, como mostra a Figura 25.

**Figura 25** - Adjunto de quebração de coco babaçu



Fonte: arquivo de imagens da autora, 2022.

A presença de crianças nos adjuntos era comum, pois aquelas que ainda não tinham idades para frequentar a escola eram levadas pelas mães que não tinham com quem deixá-las. Já as que estudavam normalmente já quebravam coco. Assim, dependendo do local e da distância de casa onde as mulheres iam quebrar coco, estas crianças estudavam em um período do dia e no outro quebravam coco junto com suas mães ou pessoas próximas, amigas ou familiares.

As mulheres quebradeiras tinham sua forma própria de organização dos adjuntos. Assim, elas faziam uso de uma espécie de calendário próprio, específico para os adjuntos. Dessa forma, as datas eram marcadas com antecedência em comum acordo com o grupo de quebradeiras local.

Dessa forma, uma vez feito o agendamento dos adjuntos, muitas das vezes mensal, bimestral, trimestral e até mesmo semestral, as quebradeiras de coco participantes da atividade reservam, nas suas agendas (mental), as datas de todos os adjuntos das companheiras com o compromisso de estarem presentes em todos, visto que tal atividade era de suma importância tanto no que diz respeito às questões econômicas como também às de cunho cultural. Pois era comum as

mulheres realizarem o próprio adjunto com o objetivo de comprar algo de alto valor financeiro, como por exemplo a aquisição de um fogão a gás, um guarda-roupas, armário etc. Aquelas que moravam mais distantes da escola costumavam comprar bicicletas para que as crianças pudessem ir até à escola. Outro fato comum era a realização dos adjuntos pelas mulheres a partir do 6º mês de gravidez. Assim elas vendiam a produção do adjunto (amêndoa do coco) para comprar o enxoval do/a bebê e que precisava para passar os meses do resguardo. Como relata a quebradeira de coco Maria Alves:

Uma vez eu botei um adjunto pra comprar fralda pro menino que ia nascer. Aí nesse dia deu uma chuva tão grande com vento, trovão, mas as muié tava tudo animada. Elassabia que eu tava perto de ganhar nenê e precisava comprar as coisas. Aí elas ficaram lá até aquela chuva passar. Me ajudaram quebrar aquele monte de coco todim. As amiga de coco sabia das precisão umas das outra, aí se ajudava. Era assim que nos fazia umas com as outras. A gente precisava umas das outras Três dias depois eu fui na feira em Tocantinópolis pra comprar. Eu e a Dita combinava, nós botava meu adjunto num dia e o dela no outro. Trabaiei demais, quebrei muito coco. (Maria Alves).

Na narrativa, a quebradeira de coco enfatiza que a relação de reciprocidade é um fator importante entre as companheiras. Dessa forma, elas faziam parte de uma organização não regulamentada por lei ou qualquer outro tipo de regimento documental, mas apenas acordada entre si. Tais normas passavam por mudanças de acordo com as necessidades de reorganização da dinâmica de trabalho das mulheres.

As exigências dos fazendeiros era um dos fatores que exigia que as quebradeiras de coco (re) adequassem sua dinâmica de trabalho de forma que fosse possível que estas realizassem principalmente a quebração do coco e a fazeção do carvão, atendendo às normas impostas pelos então proprietários das terras.

Elas faziam adjunto no território de pastagem (quintas), no entanto, não tinham a liberdade de fazer em qualquer lugar do território. Mas apenas nos locais autorizados pelos “donos” das terras. Pois a pastagem não resistia nos lugares em que eram feitos os montes de coco ou cascas. Isso porque estes ficam amontoados uns sobre os outros, como mostra a Figura 26. Esse, estando em cima do capim, provoca aquecimento podendo chegar a uma temperatura elevada capaz de matar a vegetação.

**Figura 26 - Monte de coco**



Fonte: Arquivo de imagens da autora, 2022.

A senhora Maria Alves declara que, no território de pastagem, as quebradeiras faziam a coleta do coco, para a realização dos adjuntos no próprio território. Ela afirma que somente por meio da realização do adjunto seria possível ter acesso ao dinheiro necessário para realizar a compra de materiais básicos para que suas crianças pudessem frequentar a escola:

[...] eu botei um adjunto muito grande. Foi lá nas quinta do Joaquim Terto, eu botei num dia e a Dita no outro. O que eu botei foi 22 com muié. Deu 230kg de coco. Peguei esse tanto de coco vendi e no otordia, (O mesmo que no dia seguinte) fui pra feira em Tocantinópolis (cidade localizada a 50km do Território de Piaçava), comprar roupinha pro menino, (o mesmo que para os filhos e as filhas) calçado. Era como eu comprava. A gente fazia uma comprinha. Pra cada um uma mudinha de roupa. Só fazia isso quando botava um adjunto grande de quebra de coco. (grifo meu).

Além das vestimentas e dos calçados, as mães de família também tinham obrigações com a aquisição dos materiais escolares básicos para que fossem dadas às crianças as condições mínimas de aprender a ler e a escrever. Essa afirmação se confirma na declaração da senhora Maria Alves:

Quando faltava um mês pra começar as aula já ajuntava os coco pra botar um adjunto pra ir comprar os material dos menino levar pra escola. E o que era esse material? (risos). Um caderno, caneta, lápis, borracha, uma tabuada é um sistema utilizado na matemática que reúne os múltiplos e divisores dos números de maneira organizada. Ela auxilia nas diversas operações da matemática (adição, subtração, multiplicação e divisão), facilitando assim os cálculos. e um ABC. Esse não podia faltar, porque era nele que os menino daqueles tempo aprendia a ler. É porque naquele tempo não tinha livro nas escola do jeito que tem hoje. livro usado pelas professoras e pelos professores para ensinar as crianças a ler. Aí quando começava as aulas pegava o caderno botava no saco de plástico, os saco que a gente comprava com açúcar. Botava o tamborete assento quadrado ou redondo, sem encosto e braços, feito de madeiras e couro bovino fixado com pregos na cabeça e ia pra escola, porque na escola não tinha assento, cada um levava seu tamborete. (Maria Alves).

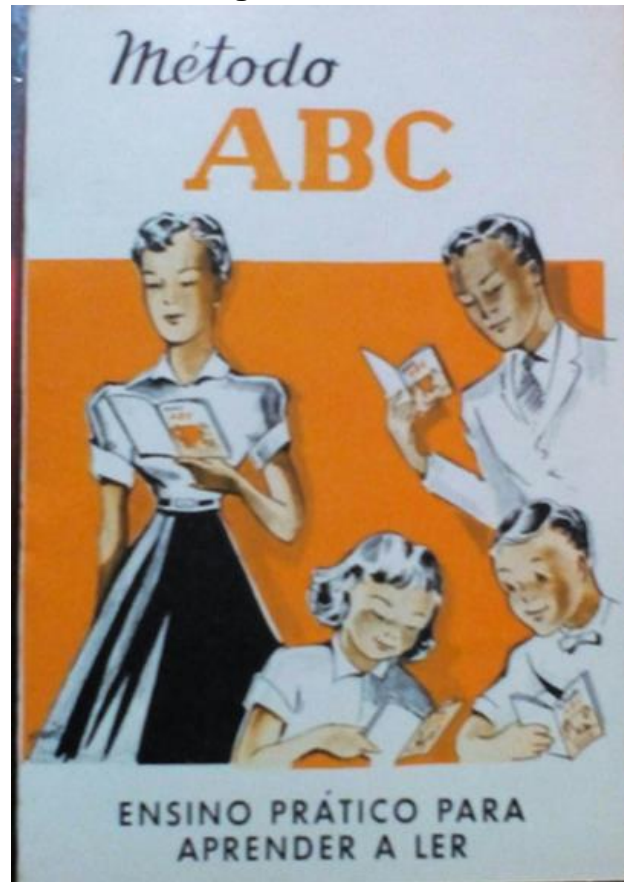
Assim, o adjunto é um caminho de solucionar os problemas do cotidiano das mulheres. Existe todo um processo de reflexão em busca de solucionar problemas.

No Brasil, a implantação do programa de distribuição gratuita do livro didático para estudantes do ensino fundamental das escolas públicas só veio a acontecer em 1985. Até então, o material básico — utilizado pelas professoras e pelos professores para ensinar a ler, escrever, aprender as quatro operações matemática e a fazer contas — eram os livros *ABC* e *Tabuada*, que estão exemplificados nas Figuras 27 e 28.

Figura 27 - Tabuada



Fonte: arquivo da autora.

**Figura 28 - ABC**

Fonte: arquivo da autora.

A aquisição desses materiais era de responsabilidade das famílias das/os estudantes, como relata a quebradeira de coco Maria Alves. Na sua narrativa, fica claro que tal responsabilidade ficava a cargo das mulheres/mães, e que o meio que estas tinham para manter as filhas e os filhos estudando era através da quebração do coco. Ela ainda esclarece que a ajuda mútua das “amigas de coco” era de fundamental importância principalmente para as mulheres que tinham muitas/os filhas/os. Isso porque era através do adjunto que elas conseguiam o valor em dinheiro suficiente para comprar o básico que as crianças precisavam para frequentar a escola.

Normalmente, a tabuada e o ABC eram comprados no comércio local do povoado Piaçava município de Nazaré/TO, as mães das crianças costumavam dar o dinheiro para as maiores irem até o comercio quando faziam o trajeto para a escola, pois normalmente passavam o dia no território dos babaçuais e não lhes sobrava tempo para ir até o comercio. Muitas das vezes eram de uso coletivo entre irmãs e

irmãos. Isso porque nem todas as mães tinham dinheiro suficiente para comprar para todos os filhos e filhas.

A dinâmica da prática do adjunto era uma espécie de “lei”, acordada entre as mulheres. Havia combinados, criados pelo grupo das quebradeiras, e estas deviam ser seguidas por todas elas para que assim a prática acontecesse de forma exitosa. Para esclarecer citamos aqui algumas dessas regras:

- ✓ Não era permitido deixar de ir para o adjunto de qualquer uma das companheiras por motivos fúteis.
- ✓ Não era permitido que nem uma mulher marcasse seu adjunto nas datas que já havia sido agendada por outra companheira.
- ✓ A dona do adjunto era responsável pelo almoço das mulheres quebradeiras.
- ✓ A dona do adjunto tinha a responsabilidade de fornecer cacete de quebrar coco para todas as mulheres que precisassem.

Assim, no decorrer dos anos 1980, toda quebradeira no dia do seu adjunto, tinha que acordar na madrugada para preparar o café, o almoço e o lanche das companheiras, e por volta das 7h já estar no monte de coco (local do adjunto). As mulheres costumavam escolher o local próximo de um ribeirão, porque assim ficava mais fácil para abastecer o evento de água, tanto para beber quanto para amolar os machados. Ainda tinha mulheres que nos dias mais quentes gostavam de tomar banho antes do almoço. Em relação ao horário de iniciar o processo da quebra do coco, não havia qualquer tipo de restrição. Entre o grupo havia mulheres que chegavam no local do adjunto às 7h. Estas escolhiam os lugares de sua preferência, sentavam e iniciavam a atividade. Cada uma que ia chegando começava a quebra de coco a seu tempo. Muitas saíam do povoado com destino ao local do adjunto em pequenos grupos e outras iam mesmo sozinhas. Isso dependia do local em que cada uma residia e do horário de saída de suas casas.

Outro fator interessante com relação à forma de organização dos adjuntos, na década de 1980, é que mesmo a dona do adjunto sendo responsável pelo almoço e pelo lanche, as demais quebradeiras sempre levavam seu próprio almoço. Assim no horário reservado para fazer a refeição, havia a partilha de alimentos. Ou seja, elas comiam tanto do almoço oferecido pela dona do adjunto, como do que levava da sua casa e ainda dos levados pelas companheiras. É como se fosse uma espécie de piquenique. Dessa forma, as mulheres escolhiam o cardápio de acordo com a oferta disponibilizada pelo grupo de quebradeiras. Os pratos mais comuns nos adjuntos

era, arroz misturado com fava, arroz misturado com feijão trepa pau, arroz com batata doce e arroz branco, preparados com azeite de coco, como mostra a Figura 29.

**Figura 29** - Arroz com feijão misturado



Fonte: arquivo da autora.

A figura é uma demonstração de um dos pratos mais consumidos nos adjuntos de quebra de coco, é o arroz com feijão misturado preparado com azeite de coco feito pelas próprias quebradeiras.

Outro prato comum no período da safra da abobora, era o arroz com abobora um prato preparado de forma semelhante ao arroz com feijão, era de grande aceitabilidade no grupo das quebradeiras então era comum que a maioria das mulheres levassem para os adjuntos.

Os pratos vinham acompanhados com carne de sol e/ou ovo e/ou carne de porco e/ou banana frita, todos feitos também no azeite do coco babaçu. No entanto, no período do arroz verde na roça, o mais comum era piaba (peixe pequeno) frito no azeite de babaçu. No decorrer do ano, homens, mulheres e crianças pescavam de anzol. Porém, o período do arroz verde nas roças coincide com o período chuvoso; conseqüentemente, acontecia o cheio escurecimento das águas dos ribeirões.

Assim, muitos homens e algumas mulheres faziam jiquis<sup>6</sup>, que eram colocados nos ribeirões tendo como isca cachos de arroz verde para atrair os peixes.

Dessa forma, durante todo o período, a piaba rabo vermelho estava presente no cardápio de praticamente todas as famílias piaçabenses. Tanto frito no azeite como ao molho de leite de coco ou moqueada<sup>7</sup>.

Vale ressaltar que nos adjuntos o mais comum era a piaba frita. Pois dificilmente as mulheres levavam comida de caldo para os adjuntos. Isso porque dificultava o transporte dos alimentos de suas casas até os locais dos adjuntos. Já que naquela época eram muito raras vasilhas térmicas capazes de manter a comida aquecida e com fechamento adequado para evitar o derramamento dos alimentos líquidos durante o percurso. As mulheres ainda pontuam que os alimentos, como arroz misturado, carnes, ovos e outros, sendo fritos são melhores para o consumo frio. Tal afirmação pode ser confirmada no relato da dona Maria Alves, quebradeira de coco:

Quando eu ia nos adjunto, eu gostava de fazer arroz branco ou misturado com fava, feijão ou com abobora, pra misturar fazia carne, ovo ou peixe frito. Era bom no tempo do arroz verde. Não faltava piaba pra comer. (risos). Eu fazia pra levar pro coco, pro Zeca levar pra roça e pros meninos que ficava em comer na hora do almoço. É porque aqui em casa era assim, as meninas maior se não tivesse aula ia pro coco mais eu, os meninos iam pra roça mais o Zeca, e os pequenos que ainda não dava conta de trabalhar na roça nem de quebrar coco ficava em casa. Quando eu levantava de madrugada pra fazer o de comer, fazia logo que desse pra todo mundo. E por isso eu fazia logo comida seca porque era mais difícil de derramar e a gente ter que trabalhar o dia todo sem comer. (risos). E outra coisa, a comida seca é boa de todo jeito, quente ou fria a gente come bom, já a comida de caldo só é boa mesmo é quentinha pra comer na hora que tira do fogo. Aí nos deixava pra comer de caldo sábado, domingo e nos dia santo<sup>8</sup> que ninguém ia pro coco e nem pra roça.

A dona Maria do Zeca, como é conhecida, é uma idosa de 70 anos de idade que reside no povoado Piaçava desde 1973. Quando chegou no território, tornou-se adepta do adjunto. Ela nos conta que quebrava coco desde criança, e que gostava de quebrar coco de adjunto porque era melhor para juntar um valor maior em dinheiro e comprar o que precisava para a casa e para os filhos e filhas.

---

<sup>6</sup> Armadilha feita de talo de taboca amarrado de cipó.

<sup>7</sup> Assada na brasa do fogo do carvão feito da casca do coco babaçu enrolada na palha da bananeira.

<sup>8</sup> Dia que se guarda algum santo. Dia sagrado para as pessoas religiosas adeptas ao santo daquele dia.

Eu tive 11 filhos. Naquele tempo quase toda mulher paria muito. Não tinha esse negócio de tomar remédio pra num parir. Aí era muito menino pra ir pra escola. Por isso eu gostava de botar adjunto no mês de fevereiro. Naquele tempo as aulas só começavam no mês de março aí dava certim pra mim comprar os cadernos dos meninos com o dinheiro do adjunto. Porque se fosse quebrando coco sozinha eu não dava conta de comprar as coisas de casa e o material da escola dos meninos. Era ruim porque era tempo de chuva, mas a gente fazia coberta com paia de coco pra muié ficar debaixo.

Para complementar o almoço, as mulheres costumavam levar frutas, como banana, laranja, tangerina, mamão e outras. Estas eram consumidas tanto junto com a refeição como também a qualquer momento durante o adjunto. Todas colhidas nos quintais ou roças do território de Piaçava. O milho era outro alimento comum tanto no almoço como no lanche ou a qualquer momento durante os adjuntos. Pois durante o período do milho verde nas roças as mulheres levavam de suas casas e muitas vezes o esposo da dona do adjunto ia até sua roça (se esta fosse perto), quebrava o milho e levava para o local do adjunto.

Assim, a mulher dona do adjunto ou uma das suas companheiras acendia um fogo nas cascas de coco babaçu, esperava até queimar bem as cascas (isso porque o fogo de casca de coco gera muita fumaça), até ficar totalmente em brasas, daí a mulher dona do adjunto e às vezes seu esposo retiravam as primeiras palhas das espigas de milho, as chamadas palhas grossas deixando apenas as palhas mais finas (as que ficam mais próximas dos caroços). Assim as espigas eram colocadas diretamente nas brasas e a pessoa responsável ficava monitorando, virando de um lado para outro, colocando mais brasas, abanando o fogo com abano feito de palha de coco babaçu. Para evitar o risco de queimar pelo excesso de fogo, com o uso de uma tala de coco verde se fazia a retirada de parte das brasas, ou se estivesse demorando muito para assar mais brasas eram colocadas para cima das espigas.

De acordo com as narrativas das quebradeiras, o milho assado dessa forma fica diferente do milho assado sem palha. Tal afirmação se confirma na narrativa da dona Margarida. Ela diz gostar mais de comer o milho assado na palha do que assado sem palha; vejamos sua narrativa:

O milho assado com a palha fica molinho, tipo cozinhado. Só que é assado tipo moqueado. Porque coma a palha é verde e guarda a espiga, o fogo não vai direto nos caroços aí não ressaca. Eu acho muito bom. É bom pra comer só ele e misturando com arroz também. Nós gosta de comer nos adjunto, meio-dia nós come com almoço e nas outras horas nos come sem nada mesmo. De todo jeito é bom. Eu gosto também do milho assado sem palha

no fogareiro de carvão, é gostoso, mas é muito duro ruim de mastigar. Por isso eu achava bom mesmo era comer milho nos adjuntos, lá não tinha fogareiro aí tinha que assar mesmo era no fogo das cascas de coco. E Na safra do milho não podia faltar milho verde nos adjuntos. (risos). (MARGARIDA BISPO).

O processo de assar milho nos adjuntos ficava mais a cargo da quebradeira que promovia o evento, o que ocorre pelo fato de que esse é um processo que requer dedicação, tempo e cuidado. Então, isso atrapalharia as quebradeiras em exercício. Lembrando que a mulher quebradeira dona do adjunto ficava a cargo de organizar e de auxiliar as companheiras, ou seja, no dia do seu adjunto, ela não quebrava coco, apenas atendia os chamados das companheiras. Colocava coco próximo dos machados, servia água, alguma coisa para comer e muitas vezes até fazia cigarros de palha para que as companheiras não precisassem interromper a quebra. Recebiam tudo ali mesmo no seu assento.

Os locais de realização dos adjuntos podiam ou não possuir barracões específicos para abrigar as quebradeiras. E mesmo com a existência destes, ainda se fazia necessária a construção de latadas de palha da palmeira de babaçu para proteger as quebradeiras do sol ou da chuva. Nos casos de ter os barracões, estes não eram suficientes para que todas pudessem se abrir debaixo; no decorrer dos anos de 1970 a 1980 era comum que o número de quebradeiras presentes em cada adjunto variasse de 10 a 80 mulheres.

Maria de Jesus, a Dona Nega, como é conhecida, nos explica o porquê de haver adjuntos com números variados de mulheres.

É assim: tem muié que faz muito adjunto, um muito perto do outro, aí não dá tempo de ganhar muito dia. Por isso é que vai pouca muié no dia do dela. Porque não tem muito dia ganho pra receber e também não vai muitas pra ganhar dia. Quando a mulher tem muitos dias ganho sempre dá um adjunto grande. É, porque se a gente tá devendo dia pra outra e não pode ir no dia do adjunto dela pra pagar, a gente pede pra uma amiga que não teja devendo pra aquela muié dona de adjunto pra ir no lugar da gente e depois a gente paga pra ela no dia que ela botar um adjunto. Tinha muié que só botava um ou dois adjunto no ano e ia em quase todo adjunto que nós botava, aí no dia do dela dava muita quebradeira porque ela já tinha dia ganho na mão de quase todo mundo. Aí todo mundo ia pra pagar. (NEGA).

Na narrativa da dona Nega, é possível perceber que, para que uma quebradeira de coco babaçu conseguisse fazer um adjunto com um número significativo de companheiras, se fazia necessário um período maior de um adjunto para outro e ainda a assiduidade nos adjuntos das companheiras. Era uma espécie

de lei. Compromisso existente entre o grupo. Assim, aquelas que deixavam de seguir as regras de certa forma sofriam algum tipo de punição. Por exemplo, a quebradeira que estava devendo dia e no adjunto das companheiras não comparecia, não mandava uma substituta e nem dava satisfação, se isso se tornava fato corriqueiro, as outras quebradeiras iam deixando de marcar presença no seu adjunto e deixando de convidá-la para os seus. Isso porque a dinâmica do adjunto era de que todas naquele dia quebrassem coco para a idealizadora do evento. Porém, todas recebiam de volta. Era uma espécie de troca.

Embora se use a expressão “trocar dia”, de acordo com a regra, vai para além de trocar dia. Isso porque dependendo da quantidade de mulheres no adjunto se decidia que horas começava a medir os cocos<sup>9</sup>. Se fosse um adjunto que tivesse de 10 a 20 mulheres, se começava por volta das 16h, tendo mais 20 se fazia necessário começar mais cedo. E muitas vezes quando havia um número elevado de mulheres (70 a 80), se fazia necessário começar por volta das 15h. A medição dos cocos ficava a cargo da dona do adjunto.

No entanto, havia momentos em que alguma quebradeira, de forma voluntária, paravam de quebrar coco mais cedo e ajudava a dona do adjunto e medir os cocos. Havendo necessidade, outra quebradeira fazia as anotações em um caderno. Isso se dava ou pelo fato de se ter muito coco para medir e/ou porque nem todas as quebradeiras tiveram acesso à escolarização o que impossibilitava a anotação dos nomes das companheiras e a quantidade de litros de coco que estas haviam quebrado.

A quebradeira de coco Luiza nos conta com clareza sobre a saga de um grande adjunto em que o monte de coco não foi suficiente para atender a demanda de mulheres presente:

Uma vez, eu botei um adjunto tão grande lá no grotão, foi um dos maior que já teve aqui. Tinha 60 muié, deu mais 600kg de coco. Nesse dia nós se apertemo porque quando deu 2h da tarde nos vimo que os coco ia andar era longe de dá. Ainda bem que o Dedé tava lá com o burro e a carga que era pra levar os coco quebrado pra Piaçava, aí eu disse pra ele ir ligeiro na quinta pegar mais umas cargas de coco pra muié quebrar, porque ninguém queria ir pra casa cedo. Quando a gente saia de casa pra quebrar coco só queria parar 5h. todo mundo era acostumado assim, só voltava pra casa na hora de fazer a janta. Aí o Dedé ia buscar as cargas de coco, era só

---

<sup>9</sup> Medir os cocos - a expressão significa medir as amêndoas do coco babaçu em um recipiente equivalente a 1litro/1000ml. No decorrer das décadas de 80 a 90 utilizava-se o litro que se comprava com óleo de soja e/ou óleo do reino.

chegando e despejando ligeiro e voltando pra buscar mais e eu pegando os coco que ele ia trazendo e botando no pé dos machado da muié. Era tanto muié, que uma carga de coco não dava nada. Quando ele chegava com outra já tinha muié sem coco pra quebrar, isso deu uma zuada, (risos), muié cantava, gritava o Dedé, dizendo pra ele vir ligeiro. Me enchia o saco, perguntando como era que eu queria botar adjunto e não ajuntava coco que desse. (risos). Mas tudo isso era só brincadeiras. Tudo era motivo de alegria. Naquele tempo era bom demais. (LUIZA).

A quebradeira Luíza disse, ainda, que um grande adjunto era um processo trabalhoso para a mulher dona do evento. Isso significa que é necessário um planejamento cuidadoso para que tudo aconteça sem grandes imprevistos que venham a atrapalhar a quebra de coco. Ficou claro na sua narrativa que, no dia do seu adjunto, caso não tivesse disponível um animal com a carga, a produção das mulheres quebradeiras teria tido uma grande diminuição pelo fato de os cocos juntos não serem suficientes para a quantidade de mulheres quebrarem até a hora do encerramento da atividade. Ela ainda nos conta que, mesmo com todos os critérios de organização, imprevistos aconteciam nos dias dos adjuntos.

Tinha vez que a gente pensava que ia muitas mulheres e ia poucas. Naquele tempo quase toda mulher tinha muitos folhos pequeno, e os meninos daquele tempo adoecia demais. Não era igual hoje. Menino só vivia dando febre, diarreia, aí a mãe não saía de casa. Outras vez chovia bem na hora de sair de casa aí tinha vez que a gente não podia sair na chuva. Mulher daquele tempo se tivesse no dia das regras não entrava na chuva por nada, porque fazia mal. Outra vez a gente pensava que ia pouca e chegava era muita. Mas a gente sempre dava um jeito pra não faltar coco pra quebrar. Naquele tempo era fácil de juntar coco ligerim, porque tinha muito em todo lugar. (LUIZA).

A abundância do coco babaçu nos anos de 1980 e 1990 era de grande relevância para as mulheres quebradeiras no território do povoado Piaçava. Período em que 100% das mulheres e um número elevado de meninas cultuavam a prática do extrativismo do babaçu. Ainda que não fossem todas adeptas do adjunto, todas eram quebradeiras de coco babaçu e muitas delas com o uso de animais de cargas, burros cavalos ou jumentos faziam montes de coco como mostrado na Figura 30 com quantitativos de 40, 50, 80, 100 ou até mais cargas de coco babaçu.

**Figura 30** - Monte de coco feito através do carregamento em animais de carga



Fonte: arquivo da autora.

A figura representa a riqueza do coco babaçu no período em que a prática do adjunto estava em alta entre o grupo de mulheres quebradeiras do território de Piaçava município de Nazaré Estado de Tocantins.

A exemplo de mulheres que não aderiam à cultura do adjunto, as esposas dos fazendeiros e as professoras. As mulheres dos fazendeiros dificilmente tinham disponibilidade nas suas agendas para saírem cedo de suas casas e participar dos adjuntos. Pois era comum que os seus esposos tivessem, nas suas propriedades, homens prestando algum tipo de serviço, como roço de pastos, plantio de capim, vacinação do rebanho bovino e outros. Assim, as esposas tinham que estar em casa para fazer o quebra-jejum<sup>10</sup>, o almoço e o café no final da tarde. Isso porque, naquela época, o dono do serviço fornecia as refeições para todos os trabalhadores. Eles não eram boia fria. No entanto, essas mulheres também quebravam coco. Estes eram retirados dos territórios dos babaçuais e amontoados nos barracões das casas. Assim, ao mesmo tempo em que as mulheres cuidavam dos afazeres domésticos, também quebravam coco.

---

<sup>10</sup> Para os/as trabalhadores/as do norte de Tocantins, é o mesmo que café da manhã.

A quebradeira de coco Ana nos conta com detalhes sobre a impossibilidade de participar dos adjuntos e como era possível essa organização do tempo e dos afazeres que permitia a execução do trabalho doméstico e da quebra de coco de forma simultânea.

A gente fazia assim: se o quebra jejum fosse de carne de gado e fosse muito homem pra comer, começava fazer umas 5 h da manhã, pra 7 h tá na mesa pronto pra comer. Se fosse de ovo frito aí era mais tarde porque o ovo frita ligeiro e só é bom quente. Tirando do fogo e comendo logo. Eu costumava ferver o leite de gado primeiro aí o fogo já tava mais pouco, bom pra fritar ovo. É, porque o fogo de carvão é danado, quente demais, se tiver muito, faz é queimar a parte de baixo do ovo e a de cima fica crua aí não presta. Então eu gostava de fritar com pouco fogo, e com muito azeite de coco na frigideira, pro ovos ficarem tudo sumido no azeite. Quando os homens eram muito, fazia numa frigideira grande logo que já cabia uns 10 de uma vez, aí botava sal e muita pimenta do reino, tampava e espera um tempinho pra endurecer um pouco, destampava e virava um por um de um lado pro outro. Ficava duro com a gema dura e tudo inteiro. Não gosto de ovo frito quebrado. Frito inteiro fica mais gostoso. A gente bota no prato e vai cortando os pedaços com a colher na hora de comer. Depois de dá o quebra jejum, lavava as vasilhas, botava o feijão e a carne do almoço no fogo, varria a casa e ia quebrar coco até perto da hora de fazer o almoço. Levantava só pra olhar as panelas. Aí quando chegava a hora de fazer almoço, largava o machado, fazia a comida, passava o café e esperava os homens pra almoçar. (é porque depois do almoço tinha que ter café na garrafa pra eles beber). Comiam, tomavam café e iam descansar. Eu ia lavar as vasilhas e quando voltavam pro serviço eu voltava pros meus coco. Quebrava até umas 4h 30m, aí já era hora de fazer café de novo pra eles beber quando voltasse do serviço 5 h. Era por isso que eu não ia pros adjuntos, ficava com vontade, via as muié contando das brincadeiras, cantorias, piadas que fazia quando tava tudo junto, mas eu não podia ir, aí ficava mesmo só na vontade. (ANA).

No caso das professoras, o motivo é que estas tinham que cumprir com os ofícios do magistério, portanto, seu tempo para o extrativismo do coco babaçu era limitado aos dias e/ou turnos de folga na escola, como por exemplo no contraturno do seu horário de trabalho (naquela época, no povoado Piaçava, as professoras trabalhavam apenas em um período, no matutino ou no vespertino) ou nos feriados e durante o período de férias.

Essas mulheres, mesmo tendo uma atividade remunerada, continuavam na atividade da quebração do coco babaçu e assim nos babaçuais elas ensinavam seus filhos e filhas a cultuarem o extrativismo do coco. Era comum o trabalho dos meninos se voltar para a coleta do coco enquanto as meninas eram ensinadas a quebrar.

Além do aspecto familiar, o fazer das quebradeiras professoras se voltava também para as questões da preservação ambiental e o social. Desse modo, as

pedagogias do fazer educacional escolar e do fazer pedagógico nos babaçuais se complementavam, enriquecendo a dupla jornada das quebradeiras/professoras.

#### 4 OS IMPACTOS OCACIONADOS PELO DESMATAMENTO DOS BABAÇUAIS SOB A ÓTICA DAS MULHERES QUEBRADEIRAS DE BABAÇU DE PIAÇAVA

A década de 1990 foi extremamente danosa no que diz respeito ao território ecológico dos babaçuais. Isso porque desde os anos de 1940 até a década em questão a região dos babaçuais jamais havia sofrido tamanho impacto de destruição das palmeiras e conseqüentemente do território. O fato é que os pecuaristas locais começaram a fazer uso da motosserra utilizada para auxiliar no corte e derrubadas das palmeiras de coco babaçu. Dessa forma, o avanço na destruição desordenada das palmeiras no território em questão chega a ser assustador e incalculável, deixando partes do território praticamente sem palmeiras de babaçu como mostra a Figura 31.

**Figura 31** - Território com poucas palmeiras devido a derrubadas



Fonte: arquivo da autora.

A figura anterior traz parte do território do babaçu em que passou pelo processo de derrubada das palmeiras do babaçu com o auxílio da moto serra

deixando as palmeiras caídas no chão ficando assim expostas ao sol e depois de secas foram destruídas pelo fogo deixando o solo completamente livre da vegetação pronto para receber as sementes de capim.

Pecuaristas são convictos de que se faz necessário a “limpeza da terra”, (extinção das palmeiras). Pois para eles essa seria a única forma de tornar o solo propício para o plantio do capim e assim alcançar o sucesso na produção de pastagens para posteriormente serem bem-sucedidos nas atividades agropecuárias, tanto na criação de gado de corte como na criação de vacas leiteiras.

No decorrer desse período, já se pode perceber que há diminuição significativa das roças que nas décadas anteriores eram praticadas por todas as famílias que residiam nesta localidade. Isso porque, no período que antecede o cercamento das propriedades, o território era de uso comum tanto para as atividades de extrativismo do coco babaçu como para a lavoura de alimentos nos moldes agroecológicos.

Essas eram as atividades econômicas adotadas par a subsistência das famílias residentes no território. No entanto, a partir dos avanços do processo de cercamento do território, parte desta passa a ser vista como propriedade privada de alguns; com isso, o solo propício para o cultivo de roças diminui a cada ano, já que a partir da colheita dos alimentos o solo passava a ser utilizado exclusivamente para o cultivo de pastagens. Assim, na década 1990, a maior parte do território estava tomado pelo plantio de capim. No entanto, de certa forma ainda havia cerca de 70% dos babaçuais, pois até essa década as palmeiras eram derrubadas apenas de forma manual com a utilização do machado.

Dessa forma, por mais que os pecuaristas desejassem reduzir bruscamente a quantidade de palmeiras nos terrenos de pastagens, não era possível. Isso porque era um “trabalho” difícil, moroso e que se tornava de alto custo porque um homem não conseguia derrubar muitas palmeiras por dia. Era um trabalho totalmente braçal e que exigia grande esforço físico dos homens praticantes. Assim, dificilmente um homem conseguia trabalhar mais de uma semana consecutiva realizando tal atividade. Porém a partir do momento em que os fazendeiros e até mesmo alguns trabalhadores não proprietários de terras fizeram aquisição da motosserra, e alguns trabalhadores aprenderam a manusear tal equipamento, a destruição dos babaçuais avançam de forma totalmente desordenada.

Com isso, os impactos causados vão para além dos locais onde estão situados os babaçuais. Além das alterações visíveis nas pastagens, os ribeirões que cortam o território são completamente atingidos, uma vez que as raízes das palmeiras são de suma relevância no que diz respeito à sustentação do solo firme, evitando, assim, o processo de erosão. Portanto, com a derrubada de grande parte das palmeiras, o solo se torna vulnerável tanto às ações da natureza como às ações humanas e às pisadas dos animais (como bovinos e equinos). Provocando, assim, o assoreamento dos ribeirões, pequenas grotas e brejos que também eram fontes de reserva de água utilizadas como bebedouros para os animais domésticos e selvagens.

Não havia um planejamento para a atividade de derrubadas das palmeiras. Da mesma forma que se fazia nas demais partes das pastagens, também era feito nas margens dos ribeirões, grotas, cacimbas e brejos, o que agravava ainda mais a natureza e, de forma geral, causava danos ao bioma, à população e, em especial, aos trabalhadores e trabalhadoras da agricultura familiar, quebradeiras de coco, e à população em geral. Isso porque, nesse período, o território não dispunha de água tratada e, portanto, ribeirões, grotas e cacimbas eram utilizados como fonte de “água potável” para o consumo doméstico e para a higiene pessoal.

As mudanças ocorridas na natureza causam a diminuição da qualidade da água, tornando-a imprópria para o consumo pelos seres humanos. Porém, ainda assim, as pessoas eram obrigadas a consumir uma vez que não havia outras fontes de consumo acessíveis. Dessa forma, muitas vezes, mulheres e crianças tinham que iniciar o processo de buscar de água para reservar em casa antes das 6h da manhã, antes que o gado chegasse nos ribeirões para beber. Isso porque, devido ao processo de assoreamento, a água ficava barrenta, ou seja, suja e imprópria para o consumo humano.

Mas, os problemas vão para além do que já foi posto. Isso porque a diminuição das palmeiras causadas pelas ações dos pecuaristas acarreta grandes impactos culturais e econômicos para a população de forma geral. A estratificação e a comercialização da amêndoa o coco babaçu e seus derivados ainda era de grande significância para a cultura local e a principal fonte de renda das famílias. Assim, de certa forma, tanto a cultura como a economia entram em crise. Há uma significativa desaceleração do comércio local. Tanto a diminuição da venda de produtos

existentes no comércio local fixo como também de ambulantes que possuíam como rota o povoado e as localidades rurais.

Outro fato observado foi a redução significativa de consumidores/as dos diversos produtos/mercadorias ofertados pelos/as vendedores ambulantes que fixavam suas barracas comerciais durante o período dos festejos. Era comum as mulheres quebradeiras de coco babaçu fazerem grandes adjuntos nos meses que antecediam os festejos para que assim pudessem fazer uma reserva de dinheiro para aquisição principalmente de roupas e calçados para as pessoas da família, principalmente as crianças que frequentavam a escola.

As crianças a partir dos 7 anos de idade, principalmente as do sexo feminino, também foram impactadas, não apenas pelo fato de suas mães terem sua renda econômica atingida, mas porque estas também já eram praticantes da quebra do coco babaçu e a faziam para ganhar o dinheiro para comprar biscoitos, balas, pirulitos, geladinho e outros alimentos principalmente no trajeto de casa para a escola. E, ainda, faziam reservas para a compra de brinquedos nos festejos locais.

Os homens, principalmente os pais de famílias, provedores da casa, também foram significativamente atingidos, pois com a diminuição da renda das suas companheiras estes tiveram que assumir ou contribuir com muitas despesas que antes eram feitas exclusivamente pelas mulheres quebradeiras de coco. Citamos como exemplo a compra de roupas, calçados e materiais escolares necessários para que as crianças pudessem realizar as atividades escolares conforme o estabelecido pela instituição de ensino. Com isso, até mesmo o comércio de cachaça passa por um processo de desaceleração, pois os consumidores eram quase que exclusivamente do sexo masculino em sua grande maioria pais de famílias; ao assumirem várias despesas, diminui o dinheiro antes utilizado para momentos de lazer.

O fato é que o avanço da destruição dos babaçuais impactou tanto a paisagem como o bioma e a população em geral; ainda causando impacto econômico nas cidades vizinhas, em especial Tocantinópolis, Nazaré e Angico. Isso porque, naquele período, era comum que as pessoas do território pesquisado fizessem aquisição de mercadorias apenas disponíveis nessas cidades citadas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O povoado Piaçava formou-se na década de 1950 com o processo migratório de famílias vindas principalmente dos estados do Piauí e do Maranhão. As atividades que garantiam o sustento dessas famílias eram a quebração do coco babaçu, o cultivo da roça de toco, a caça e a pesca, atividades eram praticadas nas terras de uso comum. No contexto do Povoado Piaçava, é notável a pluralidade de identidades que demarcam a cultura da quebra de coco babaçu, tanto em ações coletivas como em situações peculiares.

Havia uma importante rede de solidariedade para as famílias que chegavam e para a formação do povoado; aqueles que já haviam fixado suas moradias abrigavam as que chegavam enquanto faziam suas casas.

O território ecológico dos babaçuais foi extremamente importante para a formação do povoado nos anos 1950. O coco babaçu era a principal fonte de renda econômica, também os derivados deste tiveram um papel significativo na culinária local. Dos anos de 1950 a 1960, a dinâmica de coleta e quebra do coco babaçu se dava no território de mata virgem (território que possui sua vegetação totalmente preservada). No decorrer das décadas de 1970 a 1990, a prática do adjunto teve grande destaque entre as mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado Piaçava.

No entanto, o crescimento desenfreado da destruição das palmeiras do coco babaçu, a partir dos anos 2000, impossibilitou que muitas das mulheres continuassem praticando o extrativismo desse recurso natural. A diminuição da oferta do coco (fruto da palmeira do babaçu) já não atendia a demanda das quebradeiras causando assim a descontinuidade de territorialidades no coletivo de mulheres, desencadeando mudanças nos modos de viver dessas e das famílias de modo geral.

No decorrer desse período, se pode perceber que há diminuição significativa das roças que, nas décadas anteriores, eram praticadas por todas as famílias que residiam nesta localidade. No período que antecede o cercamento das propriedades, o território era de uso comum tanto para as atividades de extrativismo do coco babaçu como para a lavoura de alimentos nos moldes agroecológicos.

As mulheres quebradeiras de coco babaçu criam e dão significados às histórias que são passadas de geração para geração, pois as relações com as

palmeiras são importantes para a perpetuação dos saberes e dos fazeres, como as práticas de quebrar o coco e a utilização de seus elementos naturais. A cultura local foi sendo construída ao longo dos anos levando em consideração os diferentes costumes, tanto no que diz respeito às questões religiosas, às manifestações culturais e à forma de organização do trabalho.

Na realidade das quebradeiras de coco babaçu, são nítidas as memórias que elas carregam em suas identidades por meio dos processos de resistências e das lutas políticas frente ao crescimento da pecuária.

Desse modo, as mulheres quebradeiras de coco babaçu do território de Piaçava já não possuem condições de cultivar as atividades de coleta, quebração do coco como bem outras atividades relacionadas ao extrativismo coco da mesma forma em que as faziam antes das ações dos fazendeiros alterarem de forma brusca o território dos babaçuais.

O coletivo de mulheres quebradeiras de coco babaçu possui um importante papel para a qualidade de vida da comunidade em geral, pois pratica as atividades de coleta e quebração do babaçu, respeitando a natureza e, assim, contribuindo para a preservação dos babaçuais e de outros recursos naturais. E assim fizeram e fazem as quebradeiras nos arredores do povoado Piaçava, além de buscarem autonomia econômica através do extrativismo e do comércio dos derivados do fruto do babaçu, com destaque para a produção do azeite.

O desenvolvimento da pecuária alterou bruscamente os fazeres dessas quebradeiras, das suas famílias e da comunidade local em geral. Sem dúvidas, a pecuária extensiva é a principal ameaça à cultura do babaçu no povoado Piaçava, a qual vem impactando e inviabilizando a prática da coleta e extrativismo do fruto do coco babaçu tanto pela diminuição do fruto devido à devastação das palmeiras quando do processo de cercamento.

Desse modo, essas mulheres enfrentam todas as dificuldades para sobreviver, sustentar e educar os filhos e/ou filhas sem uma presença masculina, em uma vida dura de trabalho excessivo.

As narrativas comprovam que a atividade de quebração do coco babaçu pelas mulheres do território de Piaçava significam muito mais do que a necessidade de ganhar dinheiro para o sustento das suas famílias, mas que fizeram e fazem parte dos seus modos de viver, e estão intimamente ligadas a suas relações socioculturais.

As mulheres quebradeiras de coco babaçu do território de Piaçava já não possuem condições de cultivar as atividades de coleta, quebração do coco como bem outras atividades relacionadas ao extrativismo coco da mesma forma em que as faziam antes das ações dos fazendeiros alterarem de forma brusca o território dos babaçuais.

As mulheres reinventavam suas formas de defesa dos babaçuais de acordo com as mudanças feitas pelos homens trabalhadores rurais praticantes da agricultura familiar. E assim as mulheres se utilizam de várias formas de defesa do território ecológico dos babaçuais em vários períodos do cultivo dos agricultores e das próprias agricultoras sendo elas as próprias quebradeiras de coco babaçu. Nas narrativas, as quebradeiras de coco enfatizam que a relação de reciprocidade é um fator importante entre as companheiras.

A partir das memórias e das narrativas das mulheres quebradeiras de coco babaçu, foi possível entender como se deu o uso comum do território dos babaçuais no recorte temporal que foi selecionado, por se tratar de uma trajetória dessas mulheres que contribuíram significativamente para a formação do povoado. Assim, foi possível compreender as mudanças ocorridas nas atividades do extrativismo do coco babaçu e, conseqüentemente, nos modos de viver, nos costumes e na cultura das/dos moradoras/es do Povoado Piaçava, em especial na vida das mulheres quebradeiras de coco babaçu.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. C. M.; SANTOS, V. P. Mapeamento social dos impactos dos grandes empreendimentos agrícolas do matopiba na comunidade Tauá: uma perspectiva a partir do processo de resistência camponesa no cerrado - barra do ouro -TO. Palmas: **Revista Humanidade & Inovação**. v. 06, n. 14, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1478>. Acesso em 19 ago. 2022.

ALMEIDA, A. W. B.; SPRANDEL, M. A. (coautora). **Quebradeiras de coco babaçu: um século de mobilizações e lutas** - Repertório de fontes documentais e arquivísticas, dispositivos legais e ações coletivas (1915-2018). Manaus: UEA Edições/PNCSA, 2019.

FERREIRA, D. S. Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência geográfica. Campo - **Território**, v. 9, p. 111, 2014.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006<sup>a</sup>.

HAGINO, C. H. Quebradeiras de coco babaçu: identidade, conflito socioambiental e subsistência. *In*: ANPOCS, 2007, Caxambu. **31º Encontro anual da ANPOCS**, 2007.

LENA, M. B. A. As lutas e conquistas das quebradeiras de coco do bico do papagaio em “Raimunda, a quebradeira”. Escritas: **Revista do curso de história de Araguaína**, v. 33, p. 46-68, 2022.

LENA, M. B. A.; PORTO JÚNIOR, F. G. R. As quebradeiras de coco babaçu e suas estratégias de luta e mobilização. *In*: SANTI, V. J. C.; BAPTISTA, R. D. et al (Orgs). **Povos originários e comunidades tradicionais**: trabalhos de pesquisa e de extensão universitária? v. 6, p. 132-145. Roraima: Editora da UFRR, 2020.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Editora Loyola, 1996. Projeto Nova Cartografia social: Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/mapas/>. Acesso em 19 ago. 2022.

CORMINEIRO, O. M. M. Trilhas, Veredas e Ribeiras: **Os modos de viver dos sertanejos pobres nos Vales dos rios Araguaia e Tocantins** (séculos XIX e XX). 261 f., 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia, 2010.

Novaes, Jurandir Santos de; Araujo, Helciane de Fátima Abreu. **Cartografia Social Na Região Ecológica do Babaçu**: estratégias de quebradeiras de coco e processos sociais atinentes aos babaçuais1 *Revista de Políticas Públicas*, vol. Esp, 2016, pp. 179-188 Universidade Federal do Maranhão Brasil

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, A. **História Oral como Arte da Escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SAQUET, A. M. **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflito. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

SAQUET, Marcos Aurélio; BRISKIEVICZ, Michele. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 1, n. 31, p. 03-16, 2009.

SANTOS, J. L. **As filhas das palmeiras do coco babaçu: memórias e resistências nos modos de vida de quebradeiras de coco de São Miguel Do Tocantins (TO)**. 2021. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2021.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.